

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE MESTRADO EM TEOLOGIA – PPGT/PUCPR

FRANCISCA SARQUES BÁRBARA COELHO

***ORDO SALUTIS* NOS SERMÕES DE WESLEY:**
UMA TEOLOGIA DO CAMINHO DA SALVAÇÃO

CURITIBA
2014

FRANCISCA SARQUES BÁRBARA COELHO

**ORDO SALUTIS NOS SERMÕES DE WESLEY:
UMA TEOLOGIA DO CAMINHO DA SALVAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia. Área de concentração: Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes

CURITIBA

2014

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

C672o
2014

Coelho, Francisca Sarques Bárbara
Ordo Salutis nos sermões de Wesley : uma teologia do caminho da salvação / Francisca Sarques Bárbara Coelho ; orientador: Marcio Luiz Fernandes. – 2014.
108 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014
Bibliografia: f. 98-99

1. Wesley, John, 1703-1791 – Sermões. 2. Salvação (Teologia). 3. Teologia pastoral. I. Fernandes, Marcio Luiz. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. 253



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 070
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

FRANCISCA SARQUES BARBARA COELHO

Aos vinte e dois, do mês de fevereiro de dois mil e catorze, às oito horas, reuniu-se na Sala de Projeção I – Primeiro Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Marcio Luiz Fernandes, Sérgio Rogerio Junqueira e Teodoro Hanicz, para examinar a Dissertação da candidata, **Francisca Sarques Barbara Coelho**, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, no segundo semestre de dois mil e onze

. Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: **“ORDO SALUTIS NOS SERMÕES DE WESLEY: UMA TEOLOGIA DO CAMINHO DA SALVAÇÃO”**.

A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 10 h 00 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof. D.r Marcio Luiz Fernandes

Presidente/Orientador

Prof. Dr. Teodoro Hanicz

Convidado Externo

Prof. Dr. Sérgio Rogério Azevedo Junqueira

Convidado Interno

CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR

Dedico este trabalho a todas as pessoas que trabalham diuturnamente em proclamar a Salvação em Jesus Cristo e que comigo caminham para adentrar a Jerusalém Celestial.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus e Senhor agradeço do fundo do meu coração, por ter em cada momento desta jornada estudantil vivenciado seus milagres em minha vida, compartilhando de sua presença diuturnamente e de sua providencia para a concretização deste sonho, que Ele mesmo colocou em meu coração.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes, o apoio, paciência e sua contribuição imprescindível à consecução de meu projeto.

Ao inestimável ex-Coordenador do Programa de Mestrado em Teologia da PUC-PR, Prof. Dr. Mário Antônio Sanchez, minha gratidão. Amigo e conselheiro. Ser humano admirável, que muito me estimulou nesta jornada.

À minha carinhosa mãe, que me apoiou em todos os momentos de minha vida. Exemplo marcante de força, dedicação e perseverança, incentivou-me a prosseguir. Suas orações e seu amor por mim estimularam-me a perseverar.

Ao meu esposo, que esteve ao meu lado, apoiando-me durante todo o curso, auxiliando-me, sendo compreensivo e paciente, por termos que priorizar meus estudos, nesse período. Agradeço também por suas orações e conselhos.

Ao meu avô Inácio (*in memoriam*), exemplo de idoneidade, integridade e amor, que marcaram minha infância e adolescência, contribuindo decisivamente na formação de meu caráter e que, ainda hoje, enche meu coração de saudade.

À minha sogra D. Mirtes, agradeço a compreensão, apoio, reconhecimento e auxílio que nos prestou nesse período, em que muitas vezes estive ausente.

Àqueles irmãos e irmãs em Cristo Jesus, que me ajudaram em orações nos momentos de adversidade, dentre eles o Pr. Isaías e a Prof.^a Thelma. E especialmente ao Presbítero Ivoney a intercessão constante em vigílias, orações e jejuns, para que eu alcançasse mais esta conquista.

Meus agradecimentos à Maria, secretária da Pós-Graduação em Teologia, que foi sempre solícita e prestativa em relação as minhas dúvidas acadêmicas.

“Não temo, frente a homens honrados e racionais, expor os mais íntimos pensamentos do meu coração. Eu me considero como criatura de um dia, como uma flecha que dispara pela vida. Sou uma alma que vem de Deus e volta para Deus, pairando sobre um abismo. Mais alguns momentos e já não sou e caio na eternidade imutável! Só quero saber uma coisa: o caminho para o céu, como arribar àquelas felizes margens.” John Wesley (apud KLAIBER, 2006, p.48).

RESUMO

Este estudo explora o processo de constituição do pensamento teológico de John Wesley. Nascido na Inglaterra do século XVIII no contexto da Revolução industrial, Wesley é uma figura que diante da crise pela qual passava o cristianismo propõe uma reforma com a atenção voltada para o Evangelho de Jesus Cristo e para as necessidades espirituais e sociais do ser humano. A pesquisa tem como substrato os elementos principais da concepção de Wesley a respeito do cristianismo bíblico baseado fundamentalmente no método, na ética e na missão. Segundo Wesley a vivência pessoal – interior – do sujeito possibilita a comunicação aos outros da mesma experiência, então, o testemunho pessoal é a primeira dimensão desta transmissão do dom recebido do Espírito Santo. Por outro lado, ele sublinha também outra dimensão decorrente desta primeira que é aquela de poder comunicar a todos a mesma experiência por meio do gesto missionário. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é propor uma leitura das concepções e representações de John Wesley em suas pregações, centralizada na maneira como ele entende o problema da teologia da graça ao lado da doutrina da salvação. Optou-se por uma análise detalhada do Sermão 85, para mostrar como a categoria “caminho da salvação” é uma chave de leitura e característica principal do fazer teológico em John Wesley. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uma análise histórico-narrativa. Para alcançar os objetivos propostos, foi necessária uma análise e interpretação das principais fases da vida de Wesley porque permitem compreender como a herança teológica recebida e as influências de diversos movimentos tem relação com as dimensões pessoais e sociais do anúncio em John Wesley. Seus estudos e sermões são ricos e requerem um estudo aprofundado para alcançar o mínimo de conhecimento de sua teologia. A santidade buscada por John Wesley transforma sua vida e mostra a ação de Deus na sociedade cristã.

Palavras-chave: Sermões, John Wesley, teologia e literatura, análise histórico-narrativa.

ABSTRACT

This study explores the constitution process of John Wesley's theological thought. Born in England in the eighteenth century during the Industrial Revolution when Christianity was facing a crisis, John Wesley proposed a reform focusing on the Gospel of Jesus Christ and on the spiritual and social needs of human beings. This research is based on the main elements of Wesley's conceptions regarding the biblical Christianity based fundamentally on the method, ethics and on the mission. According to Wesley, the individual's -interior- personal experience allows communication to others of the same experience, then, the personal testimony is the first dimension of this transmission received by the gift of the Holy Spirit. On the other hand, he also highlights another dimension that results from the first dimension, which is the one that can communicate everyone the same experience through the missionary gesture. In this sense, the purpose of this work is to propose a reading of John Wesley's conceptions and representations in his preaching centered on the way that he understands the issue of the grace theology together with the doctrine of salvation. A detailed analysis of the Sermon 85 was opted to show how the "path of salvation" category is a reading key and main feature of John Wesley's theological work. This is a qualitative research with a historical narrative analysis. To achieve the proposed objectives, an analysis and interpretation of the main stages of Wesley's life was necessary because they allow us to understand how the received theological heritage and influences of the many movements are related to the personal and social dimensions of the announcement in John Wesley's work. His studies and sermons are rich and require a detailed study to achieve the minimum knowledge of his theology. The Holiness sought by John Wesley changes his life and shows the actions of God in Christian society.

Keywords: Sermons, John Wesley, theology and literature, historical-narrative analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 VIDA E CONCEPÇÃO TEOLÓGICA DE JOHN WESLEY	15
1.1 PRIMEIRO E SEGUNDO ESTÁGIOS	15
1.2 INFLUÊNCIAS	18
1.2.1 Influência Pietista de Spener	19
1.2.2 Influência SPCK - Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão 20	
1.2.3 Influência Anglicana	22
1.2.4 Influência do misticismo católico oriental	22
1.2.5 Influência de Pai e Mãe	23
1.3 TERCEIRO ESTÁGIO – OXFORD 17 AOS 32 ANOS	25
1.3.1 Influência do Método de John Locke	25
1.3.2 Influência do Arminianismo	26
1.3.3 Influência pela leitura e estudos em Oxford	28
1.4 QUARTO ESTÁGIO 32 AOS 35 ANOS	30
1.4.1 Influência do Pietismo Moraviano	30
1.4.2 Crescimento espiritual e teológico em John Wesley (1703 -1738)	37
2 O AVIVAMENTO: NOVAS EXPERIÊNCIAS DE JOHN WESLEY (1739-1746)	45
2.1 DOCTRINAS	49
2.1.1 Doutrina da “Justificação ou Salvação pela fé”	49
2.1.2 Doutrina da Segurança	50
2.1.3 Doutrina do Espírito Santo	52
2.1.4 Doutrina do Renascimento	55
2.2 A GRAÇA	55
2.2.1 A Graça em John Wesley	56
2.2.2 Graça Preveniente – A varanda da Casa	57
2.2.3 Meios da Graça	57
2.2.4 Graça Convincente – Conversão	58
2.2.5 Graça Justificadora – A Porta da Casa	59
2.2.6 Graça Santificadora – Os cômodos da Casa	60
2.3 DOCTRINA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ	61
2.4 CONTROVÉRSIAS E DISPUTAS TEOLÓGICAS	63

2.4.1 Controvérsias com os Morávios	64
2.4.2 Controvérsias com os Calvinistas	65
2.4.3 Defesa teológica de John Wesley sobre a Justificação.....	66
2.4.4 Defesa teológica de John Wesley contra a Doutrina da Predestinação....	67
2.4.5 Controvérsias com sua própria Doutrina da Perfeição Cristã	69
2.4.6 Combate ao Deísmo por John Wesley	69
2.4.7 Disputa teológica entre John Wesley e John Smith.....	70
2.5 A EXPANSÃO DO MOVIMENTO METODISTA APÓS 1746	71
3 A MATURIDADE TEOLÓGICA NOS SERMÕES	76
3.1 ANÁLISE DO SERMÃO 85: PODEMOS OPERAR NOSSA PRÓPRIA SALVAÇÃO?	79
3.2 <i>ORDUS SALUTIS</i> EM JOHN WESLEY	88
3.2.1 Graça Preveniente	88
3.2.2 Graça Convincente - Convicção do Pecado	89
3.2.3 Arrependimento.....	89
3.2.4 Justificação.....	89
3.2.5 Segurança	90
3.2.6 Regeneração.....	90
3.2.7 Santificação	91
3.2.8 Perfeição Cristã ou plena santificação.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXO	100

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a pregação como “assunto” da teologia não tem sido objeto de atenção da sistemática e dos tratados teológicos. As diversas facetas com que se apresenta a pregação em termos de circunstâncias, gêneros literários, personagens, contextos e lugares mostra o quanto a análise deste “lugar teológico” pode oferecer uma contribuição significativa para pensar a evangelização e a comunicação da Palavra de Deus. A partir, então, do tema da pregação entramos no terreno da tipicamente pastoral onde se pode falar das questões relativas à comunicação da mensagem cristã, seus canais, instrumentos e conteúdo teológico. Sabe-se que o interesse pela qualidade e a formação do pregador cristão começam a delinear-se na época moderna. Podemos pensar, por exemplo, em Lutero, que coloca no centro do ministério a palavra da pregação, tornando-a uma categoria decisiva para a relação do homem com Deus.

O objetivo deste trabalho é propor uma leitura das concepções e representações de John Wesley em suas pregações, centralizada na maneira como ele entende o problema da teologia da graça ao lado da doutrina da salvação. A teologia da graça é correlata à teologia da salvação, que se constroi num caminhar a partir de nossas práticas pessoais e experiências existenciais concretas. Se na teologia devemos partir da graça divina, de cima para baixo, na experiência vivida devemos nos preocupar com o modo de nos aproximarmos da graça, sendo este modo o caminho da salvação, que se faz de baixo para cima.

John Wesley desafia a Igreja inglesa, seus clérigos e o povo através dos seus sermões. Eles se tornam a base teológica do movimento metodista e são espalhados para as mãos de pregadores leigos em todo o reino. A pregação está marcada pela vontade salvífica de um Deus amor. Suas palavras revelam uma pregação que leva em conta a perspectiva kenótica, do esvaziamento do Filho de Deus em favor do ser humano que anseia pela salvação. E John Wesley questiona em seu Sermão “O amor de Deus para com o homem decaído”, 5 (J, VI, 235), conforme transcrito pelos compiladores Burtner e Chiles da obra *Coletânea da Teologia de J. Wesley* (1995, p. 190):

Amados, se Deus assim nos amou. Devemos nós também amar uns aos outros. Se Deus ASSIM nos amou - observe-se que a ênfase do argumento está neste ponto: ASSIM nos amou de modo a entregar o seu único Filho, para sofrer morte amaldiçoada para nossa salvação. Amados, que tipo de amor é este com o qual Deus nos amou de maneira a dar o seu único Filho igual ao Pai em glória e coeterno em majestade?

Que tipo de amor é este com o qual o unigênito Filho de Deus nos amou de modo a esvaziar-se tanto quanto possível de sua divindade eterna, a despir-se de toda a glória que tinha com o Pai antes do começo do mundo, a tomar a forma de servo tendo a forma de homem, e, então, a humilhar-se ainda mais, sendo obediente à morte e morte de cruz?! "Se Deus ASSIM nos amou,quão grande amor devemos ter uns para com os outros!"

Para John Wesley, tal fundamento precede as doutrinas mais marcantes acerca da Santidade Cristã, da Perfeição Cristã, da Graça Santificadora. A consciência da salvação do pecado é ilustrada, por sua própria experiência:

"Após meu regresso à casa, fui muito perseguido por tentações; mas, louvando em voz alta, elas fugiam; voltaram repetidamente, e repetidamente levantei os olhos, sempre verificando que Ele "mandou-me auxílio de seu santo lugar". Nisto achei em que principalmente consistia a diferença entre este meu estado e o estado primitivo. Estava lutando, sim, e combatendo com todas as minhas forças, tanto debaixo da lei como debaixo da graça. Mas então eu era algumas vezes, senão freqüentemente, derrotado; agora, sempre saía vencedor" (COX, 1999, p. 329).

A fim de conhecer melhor a comunidade dos moravianos e seus ensinamentos, Wesley partiu para a Alemanha, voltando em 1738 com o desejo de iniciar a obra de Deus e dedicar a Ele toda a sua vida. Porém devido a sua pregação ousada e confrontadora foi proibido de pregar nos púlpitos da Igreja Anglicana. Wesley costumava dizer que o mundo era sua paróquia. Esta era evidentemente uma crítica à Igreja da Inglaterra, pois ele decidiu, a partir de então, pregar ao ar livre e não dentro dos templos: "eu prego onde eu for, onde Deus mandar, e onde existir pessoas, o mundo é minha igreja".

Em que se distingue esse caminho wesleyano da teologia de Lutero, Calvino, dos morávios e dos católicos é o que este trabalho pretende responder. Para isso procedeu-se a uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. A fonte primária deste trabalho são, justamente, os sermões que escreveu, nos quais é possível identificar o seu ideal teológico, seu testemunho e a influência exercida por eles na vida da comunidade. O interesse pelos sermões no âmbito dos estudos teológicos parece-nos hoje bastante pertinente, pois possibilita um diálogo estreito entre a teologia e a literatura, bem como favorece a discussão de uma teologia destinada

diretamente à práxis e ao anúncio, marcando deste modo a colocação dentro do projeto e a linha de pesquisa em Teologia e Sociedade.

Dentre os sermões estudados nessa pesquisa, optou-se por uma análise mais detalhada do Sermão 85, para mostrar como a categoria “caminho da salvação” é uma chave de leitura e característica principal do fazer teológico em John Wesley. A escolha desse sermão deve-se ao fato de ter ele sido escrito nos últimos 10 anos de sua vida, num momento maduro de sua existência, após já ter fundamentado de forma segura a sua teologia, não havendo mais inflexões emocionais e dúvidas que permearam toda a sua juventude e alguns momentos de sua fase adulta. De fato, o modo como Wesley compreendeu a salvação mudou ao longo dos anos. Para acompanhar essas mudanças tornou-se necessário entender o contexto social, físico, político e teológico em que Wesley estava inserido da Inglaterra do século XVIII. E a partir desse contexto conseguir demarcar as correntes de pensamentos influenciadores, advindas tanto do ambiente interno quanto externo, que forjaram a mente e o intelecto de John Wesley, juntamente com seus valores e crenças que impactaram sua religiosidade.

A pesquisa tem como substrato os elementos principais da concepção de Wesley a respeito do cristianismo bíblico baseado fundamentalmente no método, na ética e na missão. Segundo Wesley a vivência pessoal – interior – do sujeito possibilita a comunicação aos outros da mesma experiência, então, o testemunho pessoal é a primeira dimensão desta transmissão do dom recebido do Espírito Santo. Por outro lado, ele sublinha também outra dimensão decorrente desta primeira que é aquela de poder comunicar a todos a mesma experiência por meio do gesto missionário. Pela experiência de Wesley, o contexto do seu movimento e a forma de sua pregação surge a hipótese que o estudo dos seus sermões possam nos fazer notar uma teologia encarnada, nascida da práxis e que permite compreender as relações com as diferentes expressões cristãs tal como a relação da Igreja Católica e Anglicana e o movimento metodista.

Mas é importante salientar que o papel da teologia é analisar a mensagem e a fé cristã de forma reflexiva, observando a composição de sua lógica interna e confrontar com o fundamento da fé que é “*A palavra revelada de Deus*”. A teologia deve ser uma instância crítica sobre a Igreja e a mensagem por ela comunicada.

Tendo em vista as considerações acima, este trabalho será dividido em três seções que se complementam e se afinam com as etapas reveladoras e marcantes da vida de Wesley, uma vez que ele elabora uma teologia enquanto percorre os caminhos da Inglaterra no anúncio do Reino.

A primeira seção está delimitada em observar a infância e adolescência de Wesley e refletir sobre a experiência religiosa marcante que impulsionou o seu ministério e seus princípios religiosos, bem como em indicar claramente a gestação e nascimento de sua concepção teológica e as impressões advindas de outras teologias que impactaram o século XVIII. A segunda seção enfatiza a fase adulta da vida de John Wesley e expõe as doutrinas pregadas e as controvérsias teológicas por ele enfrentadas. Para isso será necessário averiguar seu trabalho e seu ensino, que serão tratados dentro da moldura dos fundamentos teológicos, demarcando também como se deu o início do avivamento metodista que ocorreu no século XVIII e a formação da Conexão. A terceira seção trata da maturidade teológica dos sermões e vai analisar o Sermão 85, escrito por John Wesley em idade avançada, cujo objetivo, como de todos os sermões dessa fase, era sacudir as pessoas pela sua pregação e levá-las a um encontro decisivo com Jesus Cristo através da mensagem do Evangelho. Ainda nesse mesmo capítulo serão delineadas a formação e consumação de sua "*Ordis Salutis*".

John Wesley foi consagrado como o teólogo do amor e teve como marco no seu ministério a busca da redescoberta e do viver do cristianismo autêntico, ou seja, aquele que Deus em sua graça deu aos homens. Durante toda a sua vida ele afirmou que não trouxe uma nova fé, ou uma nova religião, mas a "*antiga religião*". Esta religião à qual se referia era, segundo ele, desenvolvida pela Igreja Primitiva de Atos dos Apóstolos. É a partir dessa constatação que começa a sua caminhada rumo à teologia da salvação. Para Wesley, o Deus Criador e também "*Buscador*" é o que age no interior do coração humano, trabalhando diuturnamente com sua Graça e Misericórdia a favor da humanidade. Esta é a pedra fundamental do movimento wesleyano e a chave hermenêutica para fundamentar a teoria e prática metodista. Para este clérigo, Deus é atuante e presente e se ocupa da sua criação e especialmente do homem como coroação e autoconsciência de todo o criado. Este mesmo Deus age também na comunidade e na Igreja de Cristo em todo o mundo. Um Deus que opera agora e também no futuro.

Segundo John Wesley, a ação de Deus é tão rica e ser um cristão é um compromisso tão grande que não fica restrito ao foro íntimo e pessoal, mas se estende à comunidade, ao social e também ao bem de toda a Criação. Deus pede ao homem uma resposta de fé e amor. Aliás seu ministério foi todo ele informado pelo tema da fidelidade de Deus na relação com o homem. O mundo é de Deus e Deus está constantemente inserido no mundo. Suas criaturas são agraciadas por Ele, que as valoriza lhes dando dignidade própria. O ser humano criado à imagem e semelhança de Deus é um dos temas fundamentais da teologia cristã e um dos pontos mais importantes do trabalho teológico de John Wesley, que é a renovação da criação de Deus segundo “*Sua imagem*”, sendo essa a própria essência do cristianismo.

1 VIDA E CONCEPÇÃO TEOLÓGICA DE JOHN WESLEY

A trajetória de vida de John Wesley inicia-se na data do seu nascimento, 17 de junho de 1703, e tem seu fim em 02 de março de 1791, ao todo uma jornada de 88 anos. Clérigo da Igreja Anglicana e teólogo britânico, estabeleceu-se como um dos precursores do avivamento que mudou o rumo da história da Inglaterra no século XVIII.

John Wesley sofreu a influência, durante sua longa vida, de diversas correntes teológicas e diferentes influxos decorrentes de encontros e viagens que fizeram composições no seu interior; levando ao limiar de uma profunda transformação, irreversível e impactante, de sua vida e do contexto social onde ele estava inserido. Nesse processo, houve o abandono de crenças, que perderam o valor, se tornando obsoletas e encontros com verdades até então para ele novas.

Para entender o arcabouço teológico, que é voltado para a práxis, e delinear seus pilares, é necessário aprofundar os caminhos percorridos por John Wesley em sua vida. Bem como, é necessário analisar a literatura por ele deixada; seus sermões, tratados e anotações de diários. Tendo consciência de que ele não formulou uma teologia sistemática. Há, no entanto, a possibilidade de perceber os diferentes estágios de desenvolvimento pelos quais passou o seu pensamento. Segue-se três principais e decisivos momentos de seu percurso.

1.1 PRIMEIRO E SEGUNDO ESTÁGIOS

Fase que compreende a idade de zero aos 22 anos destacando sua permanência em Epworth e Chaterhouse onde sofre profunda influência puritana que é um movimento fruto do século XVII cujas origens encontram-se no Calvinismo. Aceitavam a doutrina da predestinação e, em seus fundamentos, eram antipapistas e anti anabatistas. Com objetivos estabelecidos de purificar a Igreja Anglicana os puritanos passaram a apropriar-se da doutrina de Calvino. O puritanismo surge,

portanto, na Inglaterra, não como um movimento popular, mas pelo interesse da Monarquia.

O rei era Henrique VIII, que, por motivos pessoais, e, por que não dizer, políticos, se desliga da Santa Sé de Roma, em 1536. A partir daí, o rei, que já era a cabeça do Estado, passa a ser também o chefe da Igreja da Inglaterra. Esta ação do rei Henrique foi insatisfatória para os Calvinistas ingleses, pois não alcançou a profundidade necessária para a reforma protestante.

A Declaração Oficial da Inglaterra, naquele mesmo ano, trouxe pequenas mudanças. Afirma a fé tradicional, omite a transubstanciação e o celibato clerical; combatido pelo protestantismo. No entanto, no ano de 1539, há um retrocesso nesta declaração de fé, quando são publicados seis artigos, que trazem novamente a transubstanciação e o celibato do clero em seus anais.

Porém, a reforma alcançou a simpatia do Duque de Somerset, “regente do trono”, dando apoio ao arcebispo Thomas Cranmer, conselheiro religioso que era o líder da Reforma Inglesa. O arcebispo Thomas Cranmer publica o primeiro livro das Homilias em 1546, e traz uma exposição teológica para o clero, de acordo com a reforma.

Caminhando na linha sucessória do reinado da Inglaterra, se estabeleceu o governo de Eduardo VI. Quando, então, aumenta a influência dos reformadores no espaço palaciano e também entre os comuns.

Thomas Cranmer traz alguns teólogos com inclinações calvinistas para a Inglaterra, e publica o Livro de Oração Comum (BCP), em 1549, que, pelo parlamento, torna-se a liturgia oficial da Igreja. O Arcebispo desenvolveu 42 artigos com ênfase protestante, de forma mais proeminente do que havia sido feito até então.

A seguir, vem o reinado de Maria, que objetivava voltar ao Catolicismo Romano. Porém, seu reinado foi curto. Mas bastante devastador, pela perseguição contundente aos reformadores, mandando muitos para o exílio. Bem como, pelo ato de enviar três bispos à fogueira; dentre eles, Thomas Cranmer. Esta perseguição fundamenta o espírito da reforma e a oposição ao Catolicismo Romano na Inglaterra, dando a rainha o apelido de “Maria Sanguinária”.

Naquela época, circulava, também no país, a literatura reformista de John Foxe, Thomas Cartwright.

Contudo em 1559, sobe ao trono a rainha Elizabeth, que faz um “*Estabelecimento*”, com atos do próprio Parlamento. A nova rainha se depara com duas forças religiosas dentro da Inglaterra. De um lado, os reformadores Calvinistas, que voltaram do exílio com duas publicações: o Livro dos Mártires de John Foxe e a Bíblia de Genebra. Por outro lado há o Catolicismo Romano, reavivado por sua irmã, já morta.

O teor do Livro dos Mártires era a perseguição que os reformadores haviam sofrido pela ex-rainha Maria. Essa obra aumenta no país a aversão ao catolicismo romano.

As articulações do reinado de Elizabeth estabeleceram a “*Via Média*”, mais como ato político do que de suas convicções religiosas. Dá-se, então, um novo Ato de Supremacia, em 1559; que coloca a rainha como cabeça do Estado, e governando de forma “*Suprema*” a Igreja. Este ato traz a definição da liturgia e da doutrina – agora era obrigatório que as Igrejas usassem o Livro de Oração Comum (BCP) e expusessem os Trinta e Nove Artigos da Religião, que seriam divulgados pelo Clero e exposto no Livro das Homilias.

A “*Via Média*” desagradou tanto os puritanos, que já haviam crescido em numero, quanto os católicos romanos. Trazendo altercações sobre toda a estrutura que foi afirmada (Doutrina, Liturgia e Episcopado), que se estenderam entre 1570 a 1580. Por conta dessa atitude da rainha, o Papa a excomunga em 1570, pedindo sua exoneração do trono.

Aponta no cenário político a pessoa de Richard Hooker, em 1595. Ele foi instituído, arbitrariamente, para determinar sobre a obra das Leis da Estrutura Eclesiástica, com o papel de clarear a obra das Leis da Infraestrutura Eclesiástica, elucidando a Via Média em três tópicos específicos: as Escrituras são estabelecidas como imprescindível origem da verdade; a Tradição vem com a impressão da configuração de vida e pensamento da Igreja Primitiva; e por ultimo, a Razão.

Contudo, estes três pontos trazem variações. As Escrituras não eram vistas pela Via Média da mesma forma como o Puritanismo as discerniam; “*Sola Scriptura*”,

que a transformaram em um compêndio com respostas certas e inflexíveis em todos os questionamentos. A Tradição também teve sua transformação, afastando-se da forma católica decretada no Concílio de Trento, que estabelecia a veneração. E a Razão poderia não alcançar aquilo que é revelado, porém o que é revelado não ficaria contra a razão.

O puritanismo chegou à pessoa de John Wesley pela família. Por seus avôs materno e paterno, e por seu bisavô paterno; que se constituíam de pregadores e homens fiéis a Deus.

Um fato de relevante importância, é que, estes ancestrais de John, foram expulsos de suas respectivas paróquias, por não concordarem com o “*Acto de Uniformidade*”, decretado na data de 1652, no reinado de Carlos II, que tinha como ordem repor o uso exclusivo do Livro de Oração revisto. Este ato teve consequência imediata no movimento puritano.

1.2 INFLUÊNCIAS

Em cada etapa de sua vida, John Wesley sofreu diversas e diferentes influências que foram lhe proporcionando amadurecimento pessoal e uma nova visão teológica. Uma teologia de forte teor social e interessada pelo bem estar coletivo. Mostraremos, a seguir, as principais influências recebidas e o respectivo posicionamento de Wesley.

1.2.1 Influência Pietista de Spener

Não se pode afirmar, ao certo, a época em que John Wesley teve seu primeiro contato com o Pietismo. Sua mãe, Suzanna Wesley, aparece na história como pietista. E, com certeza, repassou aos seus filhos seus valores e crenças e, portanto, influenciou a vida e o ministério, tanto de Charles quanto de John Wesley. Para compreender o significado deste movimento pietista é necessário compreender o Luteranismo e brevemente discorrer sobre sua história.

O teólogo Philip Jacob Spener, nascido no ano de 1635, observador e devotado a pesquisas, compreendeu a necessidade de uma renovação dentro do luteranismo germânico. Ensinado dentro do “*Cristianismo prático*”, não dado a controvérsias teológicas, educado dentro de austera metodologia eclesiástica, marcado por uma vida abastada e pelo sermão piedoso Spener deu início ao seu intento da reforma. Em 1675, lança, no mercado editorial, a obra que trouxe vida ao movimento pietista: “*Pia Desideria*”, ou “*Desejos Pios, para a reforma da verdadeira Igreja evangélica*”. No compêndio apareciam seis teses fundamentais para reestabelecer a vida da Igreja.

Esta obra delinea a influência e importância do ministério leigo para a governança da Igreja. Ressalta o alcance de um cristianismo prático. Solicita às Universidades uma elaboração teológica marcada pela práxis e com foco na atividade devocional. Reivindica tratamento diferenciado ao ímpio e ao herege; abstendo-se da hostilidade e abraçando uma abordagem cativante e amistosa. Exige uma renovação da linguagem utilizada no sermão, sobretudo convida a evitar a eloquência cortês e privilegia uma pregação voltada a conversão e inserção do fiel na sociedade para viver como homem novo. Sugere uma pregação, portanto, voltada a despertar e desenvolver frutos no contexto da vida.

A obra de Spener teve ressonância em toda a Alemanha e as suas exigências foram abraçadas por uma gama numerosa de ministros, que adotaram as suas orientações. No entanto, esse movimento se ramificaria ainda em cinco vertentes diferentes. O pietismo de Spener não renunciava ao Luteranismo, porém o

considerava incompleto. Foi a primeira vertente. Não havia ventos de separação. No entanto, queriam a reestruturação da Igreja no seu interior.

Pode-se dizer que John Wesley recebeu influência de duas vertentes. A primeira é aquela de Spener que marcou profundamente o primeiro estágio da elaboração teológica de Wesley. O movimento metodista de Wesley também tinha uma proposta semelhante àquela de Spener ao interno do Luteranismo que era para Wesley a Renovação da Igreja Anglicana internamente. E isto, desde a primeira configuração do Clube dos Santos, antes mesmo do contato de Wesley com os morávios alemães, que também eram pietistas. Outra vertente marcante foi a do pietismo Moraviano.

1.2.2 Influência SPCK - Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão

As sociedades de leigos que passam a se reunir na busca do conhecimento cristão terá forte influência na experiência de Wesley. Tendo como precursor a pessoa de Anthony Horneck a partir de 1670, essas sociedades estavam ligadas a Igreja Anglicana, que lhe ditavam as regras. Para existirem era necessária a gestão de “*um clérigo devoto e doutrinado*”. Tinham por objetivo o combate da imoralidade. Enfatizando a qualidade e não se preocupando com a quantidade alcançada, tinha por princípio fundamental um processo voltado à educação, que proporcionasse a cada um o desenvolvimento de uma vida moral e santa. Esse modelo era análogo ao perfilhado dentro da Igreja Católica Romana, para fomento do ministério leigo. Era composto de regras bem definidas.

Na parte do ensino cristão havia uma disciplina ou regra da comunidade que consistia em orar várias vezes ao dia; participar da ceia; desenvolver os frutos da mansidão e humildade; fortalecer pensamentos santos durante todo o dia, evitando o mal, a aparência do mal e todas as más companhias. Era necessário reservar um tempo diário para o exame pessoal de cada atitude, a fim de buscar o

aperfeiçoamento pessoal e a superação dos pecados como o orgulho e a ira. O jejum era recomendado e praticado para ajudar a vencer os vícios.

O objetivo daquelas sociedades não era receber ovação pública. Seu afã era despertar o amor de Deus nos homens, e dissipar o analfabetismo e a pobreza, que proliferavam de forma veloz na Inglaterra. Preocupavam-se com a caridade com relação aos doentes, pobres, desvalidos e prisioneiros por meio da ajuda financeira e alimentar e também por meio do ensino moral e cristão.

No cenário inglês, a partir de 1698, duas sociedades surgem de forma proeminente com seus programas. A SPCK, Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão, e, logo em seguida, a SPG (Society for the Propagation of the Gospel), em 1701. Ambas tinham cunho pietista, como tantas outras, e entendiam que a ignorância era a causa das mazelas dos desfavorecidos. Seu programa estava ligado à educação e princípios cristãos.

John Wesley vem se tornar correspondente da SPCK no ano de 1732, aos 29 anos. Mas seu pai, Samuel Wesley, em 1700, já se constituía como membro correspondente da SPCK. Samuel desenvolveu em sua paróquia rural, em Eptworth, uma sociedade ligada a SPCK, com princípios bem definidos, e até surpreendentes, em se tratando de um ambiente rural. Tendo como objetivo principal a ajuda aos pobres e aos enfermos.

Não se pode afirmar aqui, que John Wesley teve contato com a SPCK em sua infância. Porém, a exemplo do pai, que exercia um trabalho tão nobre, nota-se que, a partir de Oxford, John liderou fortes ações com o mesmo enfoque desta sociedade. É certo também que a frase “*A Santidade do coração e da vida*”, promovida por esta sociedade, inspirou a Wesley levando-o a empenhar-se para concretização deste lema em seu ministério.

1.2.3 Influência Anglicana

O Anglicanismo teve forte influência na vida de John Wesley, em todos os estágios de seu desenvolvimento teológico. Em todas as etapas de sua vida, até à sua morte, ele se descrevia como um “*clérigo da Alta Igreja [High Churchman] e filho de um clérigo da Alta Igreja*”. (RUNYON, 2002, p.260).

A juventude do casal Wesley foi marcada pela conversão à Igreja da Inglaterra. Os pais de John assumiram uma postura dedicada, baseada em fidelidade à Igreja, durante o percurso de suas vidas e transmitiram esta fé para os filhos.

Durante o século XVIII, o anglicanismo assume uma posição diferente e distinta com relação à sua origem. Tinha o propósito de fazer renascer “o *cristianismo primitivo*”. Este elemento influencia fortemente o comportamento e o raciocínio de John. Naquele período, ele absorve a teologia da Igreja da Inglaterra, e passa a ter um conhecimento mais profundo da Via Média, estabelecida no período Elizabetano por Richard Hooker, já citado anteriormente.

1.2.4 Influência do misticismo católico oriental

Apesar do forte movimento antipapista que ocorria na Inglaterra, e também da separação da Igreja da Inglaterra da Santa Sé de Roma, e, porque não dizer, da perseguição sofrida pelos puritanos no reinado de Maria “*a sanguinária*”, os pais de John Wesley cultivavam a leitura da literatura mística dos católicos e usavam-na em suas reuniões familiares de oração. Esta influência também continuará perceptível no período em que Wesley vive em Oxford.

1.2.5 Influência de Pai e Mãe

Sua mãe, Susanna Wesley, era filha do pregador Samuel Annesley. De linhagem puritana, havia aprendido o grego e era esforçada na obra de Deus. Era a vigésima quarta filha de um casal temente a Deus.

A responsabilidade do processo de alfabetização da família era delegada a pessoa de Susanna Wesley. Uma mulher enérgica, que conseguiu inculcar, em sua numerosa prole, uma disciplina admirável; com horários rígidos e previamente estabelecidos para todas as atividades diárias. Esta disciplina era estendida desde aos adultos até os bebês de colo. Conta a história que a casa dos Wesley tinha uma quietude assombrosa.

Susanna não teve a chance de ter uma formação universitária, o que era impedido para as mulheres da época. Porém, teve o zelo de passar aos seus filhos sua bagagem de conhecimento, inclusive teológico, que aprendera na casa dos pais, onde funcionava um seminário, para os alunos que ali residiam.

Aquela escola tinha o objetivo de preparar candidatos para serem ministros de confrarias não conformistas. “As cartas de Susanna enviadas a seus filhos, que foram preservadas, têm uma preponderância de assuntos teológicos. Talvez surpreendentes de se ver, em uma época na qual não se esperava que as mulheres fossem instruídas”. (HEITZENRATER, 2006, p.26).

O Reverendo Samuel Wesley, esposo de Susanna, dirigia a paróquia de Epworth, em North Lincolnshire. Samuel era devoto, erudito e pregador severo. Inculcou em seu filho, John Wesley, um maravilhoso hábito de estudo e o aconselhou a ler a Bíblia em seus originais.

Samuel alcançou, na sua juventude, graduação universitária em Oxford, morando perto de Londres, trabalhando como clérigo e vivendo na paróquia. Esteve inserido na alta sociedade literária; a Sociedade Ateniense. Escreveu tratados teológicos para a Gazeta Ateniense. Escreveu, ainda, poesias, e publicou uma versão métrica da vida de Cristo (os Evangelhos), com várias edições publicadas até

o século dezenove. Seu último trabalho em vida foi uma obra monumental sobre o livro de Jó (HEITZENRATER, 2006).

Um evento marca a infância de John Wesley. Ocorre um incêndio em Epworth, na casa onde os Wesleys residiam. No afã do desespero, tiraram todos os filhos, faltando o pequeno John, que dormia no segundo andar da casa e tinha apenas cinco anos. O fogo já havia tomado conta de toda a construção e não havia mais como entrar ou sair. A criança então despertou e foi até a janela de onde foi resgatada pela ajuda dos habitantes do vilarejo.

Os pais de John Wesley entenderam através deste acontecimento que Deus teria algo de especial na vida deste até então menino, por haver livrado do fogo e desde então Suzana Wesley passou a dedicar-lhe atenção especial com as leituras bíblicas e outros ensinamentos.

De seus pais, John aprendeu severa disciplina metódica em todos os seus afazeres diários e fortes hábitos de leitura. Não somente da Bíblia, bem como de outras literaturas relacionadas ao conhecimento teológico.

Ao analisar os pressupostos e ênfases destacadas pela teologia wesleyana, percebe-se a confluência de vários matizes teológicos e, por isso, deve-se levar em consideração a ascendência do precursor do Metodismo. Wesley era descendente de ingleses que confessavam a fé anglicana de origem reformada. E, parte deles, ainda professavam uma fé pietista e puritana.

Portanto, ao se analisar a árvore genealógica de Wesley, percebe-se a confluência de valores religiosos oriundos de variantes que não se resumem ao anglicanismo oficial, mas que perpassam o puritanismo, o pietismo, o misticismo católico oriental e outras fontes.

John começou seus estudos como aluno de escola pública. Através do Duque de Buckingham, que conhecia seu pai, foi contemplado com uma bolsa em Chater House; uma escola para meninos e moços.

1.3 TERCEIRO ESTÁGIO – OXFORD 17 AOS 32 ANOS

Com 17 anos, John Wesley chega a Oxford e começa cursar a Universidade na qualidade de bolsista. A universidade oferecia bolsas para alunos pobres. Wesley tinha 19 irmãos, seu pai e sua mãe e todos sustentados pela casa pastoral.

1.3.1 Influência do Método de John Locke

Em Oxford, John Wesley recebeu a influência do método de John Locke, que outrora teria estudado e brilhado, como cientista e filósofo, naquela instituição. Locke faleceu um ano antes do nascimento de Wesley, deixando como legado suas pesquisas, que traziam novos ventos na área do conhecimento humano.

John Locke, marcado pelo racionalismo filosófico do seu tempo, abre um novo caminho no âmbito da epistemologia. Locke delineou a trajetória do conhecimento humano da verdade e da realidade. Salientou o valor do processo observatório, priorizando os “*sentidos empíricos ou físicos*” do mundo externo de forma experiencial. Seu objetivo foi dar ênfase à experiência vivida, conferindo-lhe graus de credibilidade e colocando-a no mesmo patamar das Escrituras, da tradição e da racionalidade.

No entanto, John Wesley faz duas observações com relação ao método de Locke, ajustando-o ao seu modo de fazer teologia.

Em primeiro lugar procura refletir sobre o lugar da razão. Para Wesley, a razão não é dotada de plenitude e nem de capacidade tão elevada, quanto é para John Locke. Para Wesley é necessário considerar o pecado que realiza um desequilíbrio da razão em relação à vontade de Deus. Portanto, quando se trata de discernir intelectualmente sobre Deus, ela é ineficaz. Daí, a importância da experiência religiosa - conversão, e estar em “*Koinonia*” com Deus, para o

surgimento de uma nova criatura. Essa *Koinonia* faz despertar os “sentidos espirituais”, para o discernimento das “*coisas profundas de Deus*”. Aqui a fonte não é interna, através dos sentidos físicos, mas sim externa. Pois provém do Espírito Santo, que possibilita o conhecimento puro de Deus (HEITZENRATER, 2006).

A segunda modificação que John Wesley trabalhou no método lockeano foi a questão do empirismo. Para Wesley a mente humana não é afetada em sua plenitude pela experiência. Para Wesley, a conversão autêntica é impactante e profundamente transformadora. Este ponto foi defendido por ele, exaustivamente, durante seu ministério. É claro que havia o perigo de um forte sentimentalismo na experiência religiosa que era combatido pela proposta de equilíbrio entre fé e razão de Wesley.

1.3.2 Influência do Arminianismo

O movimento arminiano iniciou-se na Holanda com Jacobus Arminius (1560-1609). Este movimento faz alusão à questão do “*Livre Arbítrio*”, e vem em direção contrária ao Calvinismo. A doutrina calvinista defende a “*eleição incondicional*”, que também sustenta, pelos mesmos motivos, a “*Reprovação incondicional*”; que se traduz em “*Perdão ou Expição limitada*”. E, conseqüentemente, na “*Graça Invencível ou Irresistível*”.

Por essa doutrina de Calvino, o homem é colocado em posição passiva, onde a “*Salvação*” é estabelecida por “*Deus*”, e não há nenhuma atuação do homem neste processo. Arminius defende a ideia do “*Sinergismo*”, em que, de forma coesa, a salvação do homem decorre da colaboração do homem com o Deus criador, que agora lhe estende a proposta da salvação, através da pessoa de Cristo Jesus, e lhe dá graça para desenvolvê-la.

Por conta deste discernimento de Arminius, foi ele acusado de pelagianismo ou semi-pelagianismo. Esta doutrina defende a ideia de que “*somente o homem é*

executor de sua própria salvação, não carecendo da Graça Divina". No entanto, a defesa de Arminius está muito longe desta afirmativa.

Para Arminius, as crenças de Calvino sobre a "*Eleição Incondicional*" são inconciliáveis com o caráter de Deus, que se apresenta como um Deus de amor, compassivo, longânimo e "*bom*". Arminius e seus adeptos se entendiam no rol da reforma protestante, pois traziam os mesmos ideais e o lema dos reformadores: "*Sola Gratia*", "*Sola Fide*", "*Sola Scriptura*".

Para Arminius a expiação vicária é destinada de forma universal. Pela fé, todos tem a possibilidade de se salvar. Desse modo, a morte de Jesus na cruz cumpre a Justiça de Deus, de forma perfeita e completa. Assim a salvação é para todos, porém requer a fé. O homem, por seu livre arbítrio e no estado de queda, encontra-se sozinho e prisioneiro desta condição e só consegue sair desta condição de pecado pela operação da graça divina. Esta atua de tal forma a conduzir o homem à busca da verdade e das "Boas Novas" anunciadas por Cristo Jesus. A graça conduz o homem a reconhecer ou não a oferta salvadora de Deus.

Seguindo neste contexto, aqui entra a ação do "*Livre Arbítrio*" humano, que pode aceitar ou não tal proposta pela fé. Armínius também defende a "*Eleição Condicional*", no contraponto com Calvino, que a entende como Incondicional (aqui Deus é o agente determinante de quem será alcançado pela salvação ou não).

No entanto, para Armínius, qualquer homem pode entrar no processo soteriológico pela ação de sua resposta na fé. Para aqueles que respondem aceitando a Cristo, pela fé, recebem de Deus a adoção como filhos, a vida eterna e o corpo glorificado.

Outro ponto de divergência da doutrina de Arminius com a doutrina calvinista é a questão da segurança. Para Arminius pode haver, sim, a possibilidade de o homem apostatar. Assim trata-se, então, de possuir uma segurança "*condicional*". O homem antes de ser convocado está impossibilitado de "crer" e, em geral, resiste a graça de Deus. Porém depois da convocação e habilitação é chamado a viver em um estado intermediário (antes da renovação) e passa a ter capacidade de crer. No entanto continua tendo capacidade de resistir.

Em seguida vem uma terceira etapa. É o momento em que o homem passa a crer na “*Proposta da Salvação*”. E a partir daí passa a acontecer a ação de Deus sobre ele, de forma regeneradora. O homem entra no processo do homem de fé e ainda lhe é facultada a possibilidade de resistir.

Contudo, a função da Graça nos dizeres de Arminius, recompõe no homem a capacidade de não resistir ao chamado de Deus. Mas permanece no homem a decisão de continuar resistindo ou não. Então, a salvação vem pela Graça e pelo caminho da fé. Para Arminius, “*Livre Arbítrio*” é sinônimo de “*vontade liberta*”.

Esta libertação vem pela “*Graça*”, que trabalha de forma preveniente. Pois ela tem o poder de convencer, trazendo a iluminação e isso habilita o homem a ser capaz de arrepender-se e de ter uma atitude definitiva de fé. Esta Graça é disponibilizada a todos os homens, mas não se trata de ser irresistível.

1.3.3 Influência pela leitura e estudos em Oxford

O ano de 1725 trouxe profundas mudanças a Wesley. Foi quando ele examinou a teologia tanto a de Calvino quanto a de Lutero. Percebe-se, em seus escritos, um estranhamento sobre a exaltação descomunal da fé. Ao que ele conclui que era uma reação excessiva ao Papismo.

Começa a estudar a Bíblia, nos seus originais, orientado por Samuel Wesley. Avança para a leitura dos místicos, dentre os quais se destaca os nomes de: “Marquês de Renty, Francois Fenelon, Jeanne Marie Bouvier Guyon, João D’Ávila, irmão Lawrence, Gregório Lopez, Miguel de Molinos.” (RUNYON, 2002, p.263). Neste período Wesley vive um despertar espiritual que o conduz para diversas práticas de piedade.

Peregrinou de forma espiritual e intelectual, buscando uma “*santidade real*”. E um significado das “*exigências do viver cristão*”. Na sua busca absorveu os escritos de Thomas Kempes: “*A Imitação de Cristo*” que se tornou uma leitura diária. Dos

pietistas, a bibliografia eleita foi “Regras e exercícios do viver santo e morrer santo”, de Jeremy Taylor (1630). A leitura deste livro levou-o imediatamente a intuir a importância de duas práticas que foram incorporadas na sua vida:

- O aprendizado da economia do tempo;
- A elaboração de um diário como um registro e medida de seu progresso na vivência da santidade.

Em 1728, John decide voltar para a Epworth e trabalhar com seu pai. Naquela época, ele já havia recebido seu grau de mestre, que datou de 14 de fevereiro de 1727.

Até aqui, ele não encontrou companheirismo na sua busca espiritual. Nem mesmo Charles Wesley, seu irmão, que havia ficado em Oxford, tinha interesse para tal.

Nessa mesma época, os oficiais de Oxford colocam em ação um plano de combate ao deísmo e da religião nos campus da universidade. No ano de 1729, Charles e seu colega William Morgan se tornam companheiros na tarefa de estudar as Escrituras e ir a Igreja.

Com a visita de John a Charles, em Oxford, por 10 semanas consecutivas, tem início um modesto grupo de auxílio espiritual mútuo, com reuniões para oração, estudos bíblicos e debates sobre temas bíblicos. Além disso, passam a ler juntos textos da época patrística, sobretudo, os padres do Oriente interessando-se pelo conhecimento do chamado processo de divinização de Máximo, o Confessor.

Em 1730, acrescenta à suas leituras o livro “Sério chamado de uma vida devota e santa -1729”, de William Law. Aquele grupo se constitui na célula embrionária do “*Clube dos Santos*”, que até 1735 teve várias configurações. Seus componentes, tardiamente, seriam conhecidos por toda a nação inglesa. Homens que trabalharam com afinco no avivamento do século XVIII, que seria perpetrado pela história: John Wesley, Charles Wesley, William Morgan, John Clayton, George Whitefield, Henry Evans, Benjamim Inghan, dentre outros.

Com aquele grupo, John Wesley “estudava os clássicos, como Horácio, Juvenal e Terence. Liam também obras de teologia, tais como: as de Milton, de Renty e de Prior”. (HEITZENRATER, 2006, pág. 39).

1.4 QUARTO ESTÁGIO 32 AOS 35 ANOS

O quarto estágio do desenvolvimento teológico de John Wesley se dá na sua saída de Oxford em direção à Geórgia. Quando em 1725, após a morte de seu pai, foi convidado por John Burthton, que estendeu o convite ao Clube dos Santos, formado em Oxford, a dizer, a primeira configuração do metodismo.

Recebeu o apoio da mãe e também de seus amigos. Aos quais, John fez uma consulta, com o propósito de entender, por essa pesquisa, qual era a perfeita vontade de Deus para sua vida.

1.4.1 Influência do Pietismo Moraviano

Apoiado pela SPCK e também pela SPG, e acompanhado por seu irmão Charles Wesley que agora fora nomeado diácono, e também por Benjamim Ingham, os três clérigos vão ao encontro da nova colônia, com intenções claras de propagar o Evangelho de Cristo. E ainda, de aprender a língua nativa dos indígenas. Um trabalho de compromisso, mas sem remunerações, e de cunho missionário. Temeroso pelo mar e suas fúrias, John Wesley embarca no navio Simmonds, para cruzar o Atlântico.

Entretanto, naquela viagem, ele tem sua segunda aproximação com o Pietismo. Mas, agora, na linha Moraviana, coordenado por Nicholas Ludwig von

Zinzendorf (os desdobramentos do pietismo já foram explicados anteriormente, no primeiro estágio do desenvolvimento teológico de John). Em primeiro lugar, aquele contato deu-se, muito mais pela observação do comportamento do grupo morávio perante as adversidades enfrentadas no mar, do que por debates teológicos.

John Wesley ficou surpreso com aquele grupo composto por homens, mulheres e crianças, em suas reações durante tempestades, que trouxeram grandes avarias ao navio, ao não ter abatido ou amedrontando seus componentes. Ao invés disso, tiveram uma reação inusitada para John; a paz e o louvor a Deus durante toda a intempérie.

Observando, mais acuradamente, Wesley constata a humildade daquele grupo, quando humilhados por outros tripulantes do navio. Isso desperta interesse e o aproxima mais daquele grupo para conhecer o fundamento de sua fé e da segurança que demonstravam. Posto que, este era o ponto de incógnita que abalava o interior da alma de John Wesley, e o que ele almejava para si, há muitos anos.

Já estabelecidos na Geórgia, e apresentados à pessoa de August Spangenberg, Wesley tomou conhecimento da dualidade pietista estabelecida na Colônia. Uns eram os Salzburges, situados em New Ebenezer. Seguiam o pietismo de August Hermann Francke, ajustado com Philipp Jacob Spener, o pai do pietismo. Outros eram os Moravianos, instalados em Savannah, que proclamavam o pietismo de Spangenberg e, concomitantemente, de Zinzendorf. Wesley manteve assiduidade na comunicação com este grupo, por simbolizarem para ele os sinais da fé e obediência da Igreja Primitiva do Novo Testamento.

Na busca de diminuir, ou até sanar, sua inquietação interior em alcançar a fé e segurança que buscava, John Wesley tem uma conversa com Spangenberg, de profunda relevância, naquele momento, para sua pesquisa de caráter empírico e pessoal, no intuito de encontrar o sentido de sua vida espiritual, que o impressionou.

Tal conversa ficou documentada em seu diário, onde o interlocutor se dirige a ele com a seguinte indagação: “*O Espírito de Deus testifica com o seu espírito que você é um filho de Deus?*”. A resposta a esta e outras perguntas feitas por Spangenberg vieram de forma adequada. Porém, dentro de si, Wesley declara, em seu diário, que foram palavras vãs (HEITZENRATER, 2006).

Pelo impacto da pergunta e pela insegurança da resposta, fica claro que John Wesley não havia cogitado essa possibilidade de testificação do Espírito de Deus, com seu espírito. É mais provável que nem tivesse ouvido falar da possibilidade de viver tal experiência, considerando que todas as colocações em seu diário, até então, davam-se no âmbito da racionalidade e de convencimentos. Apontando, então, para um dado novo.

Porém, a pergunta o incita a buscar mais informações para sua pesquisa. Pois isso era, agora, o diferencial que o faria compreender a segurança do grupo morávio no navio, perante a sua própria insegurança e medo de morrer. Em primeiro lugar, ele não estava preparado para tal, e em segundo, ficava claro para ele, a sua inconstância de fé e falta de segurança.

Wesley tinha a intenção de evangelizar os nativos. Porém, essa intenção tornou-se frustrada, pois não conseguiu a proximidade esperada. E seu ministério, para seus próprios conterrâneos em Savannah, fora permeado de expectativas e inconvenientes.

Mesmo com a firme intenção de atuar, em tudo, afinado com o estatuto eclesiástico da Igreja pátria, a se dizer a Anglicana, e declarando isto ao povo, houve estremecimentos no decorrer de sua permanência na colônia. Devido à linha de conduta adotada por ele, para a sua comunidade, cheia de letargia espiritual e desconexa.

Trabalhando arduamente, e com uma agenda apertada de atividades diárias, montou um novo grupo com formato jovial, bem similar ao de Oxford, para alimento espiritual aos mais dedicados.

Em Frederica, entretanto, Wesley não conseguiu ver o fruto de seu trabalho. Já entre os escravos negros, houve a expressão clara de recebimento da Palavra. Seu trabalho teve um cunho educacional aos jovens e foi estendido aos mais velhos.

No seu relacionamento com os alemães, deu início ao aprendizado da língua, para facilitar a comunicação. Com os espanhóis também. Lança uma coleção de Hinos e Salmos em 1737, o primeiro na Colônia.

Nesse ínterim, Wesley enfrenta um problema de âmbito pessoal, que se estendeu para o eclesiástico, por conta da Srta. Sopky Hopkey. Tivera que enfrentar adversidades, que foram até a composição de um júri e a difama, de ter se desviado das concepções e normas da Igreja Anglicana. Aquela situação apressou seu retorno ao seu país de origem, cheio de desgosto e desencanto. Anota em seu diário, que Deus o havia levado ao vexame; constatando e apresentando o que existia dentro de sua alma.

A partir daí, John havia aprendido a ter mais ponderação. Apresentando-se entre aos clérigos responsáveis pelo seu envio à Geórgia, já então na Inglaterra, para uma prestação de contas, fez uma descrição permeada de desalentos, e apresentou documentos e declarações que comprovariam a sua reabilitação. Entretanto, de tudo não foi absolvido, sendo acusado de imprudência.

Permeando novos horizontes, com intuito de participar de novos grupos, John Wesley alcança um grupo de morávios alemães, que estavam de passagem pela Inglaterra, indo de encontro à colônia morávia que se encontrava na América. Entre eles estava a pessoa de Peter Bohler, com o qual Wesley desenvolve um diálogo teológico. A meta do clérigo anglicano era entender o que mais o afligia; a sua “*ausência de segurança de fé*”, dando continuidade ao diálogo iniciado, outrora, com Spangenberg, na Geórgia.

John Wesley tinha a convicção de que sua fé era incompleta e falha, pois não havia firmeza para superar o medo de morrer, que ele sentira no navio. Após vários diálogos, Pether Bohler, usando de seu entendimento teológico, e também da experiência pessoal da testificação do Espírito Santo com seu espírito, persuadi a Wesley de que a fé deste não era deficitária em grau e nem vulnerável. Mas sim, que há total carência de fé. Excluindo, então, a existência de graus de fé, colocando a fé em extremo; ou se tem ou não. A manifestação de medo e de dúvida evidenciava que não havia nenhuma fé. Peter acrescenta, ainda, em suas explicações, que “a fé verdadeira é sempre acompanhada de uma sensação de segurança. Além de ser evidenciada pela libertação do pecado, do medo e da dúvida; três frutos que estão presentes, inseparavelmente, na certeza e atestam a verdadeira fé”. (HEITZENRATER, 2006, p. 77).

Após ter internalizado esta afirmação, Wesley entendia-se inadequado para o ministério de pregação. Foi estimulado a preconizar sobre a fé, até alça-la, e, após isso, continuar por que a auferira.

Seguindo, então, essa nova linha, persistiu em suas pesquisas e estudos sobre a fé. Utilizando-se de documentos da Igreja Anglicana, mais especificamente o Livro das Homilias, onde encontrou o tema daquele colóquio com Bohler; confirmando-o. Fato que contribuiu para a continuidade do relacionamento Moraviano de amizade entre eles.

O ensinamento se expande para a questão da conversão. O grupo moraviano afirma que, *“a fé dá ao indivíduo uma conversão súbita”*. Neste ponto houve discórdia com o grupo metodista, que agora crescia de vento em popa. Entrementes, John Wesley divulga nos púlpitos aquela nova doutrina, pregando-a com veemência. O que traz consequências. A partir daí, várias congregações não mais o querem receber para ministrar o sermão.

Em Londres, aquele grupo aumenta. Agora, estão juntos John Wesley, Peter Bohler e John Hulton, juntamente com mais 70 pessoas, constituindo uma célula (band). Este grupo tinha o mesmo intuito que outrora tivera o Clube dos Santos, em Oxford.

Seu propósito era estimular o crescimento espiritual dos membros do grupo, com atividades de estudos das Escrituras, oração e adoração. Esse trabalho, que aqui se inicia, mais tarde prosperou e deu início a Sociedade Fatter Lane, acatando, concomitantemente, a doutrina moraviana e a doutrina anglicana. Esta, com sua fundamentada disciplina, cujo berço espiritual era o Clube dos Santos. Mas, com objetivo de dar ênfase na salvação do homem, e no vigor espiritual de seus componentes.

Wesley passa a liderar o grupo, depois que Bohler parte para a América. O grupo, então, cresce em convicções da verdade da doutrina moraviana. E John vê frutos de sua continua pregação sobre a fé, sugerida por Bohler. Pessoas tendo experiências fortes e singulares de certeza instantânea. Até que, o próprio John Wesley teve esta experimentação de segurança, na data de 24 de maio de 1738. Ele

a relata, empregando o método Lockeano, adaptado por ele. Entusiasmado, confirma aos presentes, que, conjuntamente com ele, naquela noite, louvam e agradecem a Deus.

No entanto, ele volta na manhã seguinte para sua introspecção científica, analisando o que se passara e os desdobramentos em seu interior. O ímpeto do coração aquecido já acontecera e John sentia a segurança e certeza de ser um salvo. No entanto, ele ainda esperava aquilo que os morávios e Pether Bohler tinham ministrado até então: “libertação do pecado, da dúvida e do medo, e a plenitude da paz, do amor e da alegria no Espírito Santo (chamados também de ‘*santidade e felicidade*’). (HEITZENRATER, 2006, p. 80).

Era necessário, agora, experimentar cada um dos itens acima. De suas análises, John chega à algumas conclusões importantes. Em se tratando do temor, não havia um discernimento palpável. Então, ele decide por um tempo maior de espera, mas ainda o buscava domar. No quesito tentações, já se entendia triunfante sobre elas. Quanto às dúvidas detectadas em sua consciência, depois de momentos rápidos de indagação, sentia aquilo que lhe fora propagado; a “*paz com Deus*”.

John Wesley vivencia dias de imprecisão interior, pelo alcance parcial da experiência. Contudo, revela-se um intrépido pregador, proclamando a “*Doutrina Moraviana*” de forma ardente. Agora, a sua palavra enfática é a fé, pedindo aos audientes que abdicassem de toda a universalidade afora a fé. No ápice de seu fervor ele pregou sobre a “*Salvação pela fé*”. Por isso, foi acusado de ardiloso. Porém, suas oscilações sobre o assunto não poderiam ser ignoradas. E, de forma singular, ele retornava ao tema: “*medidas de fé*”. Mesmo sendo exortado pelos morávios, que entendiam a inexistência da incerteza como a expressão da autêntica fé.

Posteriormente, John Wesley se encaminha para a Alemanha, para estar com a comunidade Moraviana, e analisar seu comportamento sobre fé. Constata a intolerância, de muitos deles, por causa de sua ausência da “*plena fé*”, firmeza e júbilo. Por conta disso, foi taxado como um “*homo perturbatis*”, que não possuía traços da “*Segurança Total*”. Igualmente, em sua contínua averiguação, descortina divergências descomunais entre os ensinamentos dos Morávios Alemães de

Herrnhut e os Morávios Ingleses. Uma dessas divergências foi na questão da “*Segurança Imediata*” da justificação. Para os alemães, pode não haver o “imediatismo”, podendo esta certeza desabrochar depois. Outra divergência provém da “*paz*” e da “*alegria*”. Um ponto nevrálgico para John Wesley. A paz pode ser apreciada de forma clara, não havendo aqui uma certeza estabelecida. A alegria já cai na questão de não ser assídua, diferindo da constância que haviam lhe ensinado.

O pesquisador John Wesley analisa todos os pontos da viagem, bem como, da prévia conversa com Pether Bohler, voltando aos seus prévios ensaios e também com a assimilação “*Escriturística*”. Descobre, então, uma perspectiva que tolerava “*medidas de fé*”, dentro das Escrituras. Reforçando sua tese que, entre a justificação, ou seja, salvação e a segurança que é a certeza da salvação, se estabelece um tempo de consolidação da certeza.

Analisou, também, alguns sermões de Christian David, com enfoque sobre pessoas com fé débil ou titubeante, que obtiveram o perdão do salvador Jesus Cristo, porém ainda caminham para ascender uma índole incontestável e descontaminada “*coração puro e limpo*”. As diferenças se davam na arena das “*exigências absolutas*” e das “*comprovações imperativas*”, delineadas outrora pelos morávios ingleses, entre eles Peter Bohler, sem anuência de nenhuma incerteza e medo. Aqui, é determinante para confirmação da conversão, a plenitude dos “*frutos do Espírito*”.

O trabalho teológico de Wesley era trazer estas informações para dentro de seu próprio cenário, que abraçava a “*Teologia Anglicana*” e a “*Teologia Arminiana*”. O motivo da discórdia estava em que os morávios ingleses apontavam para uma linha rígida, igualando conversão com perfeição, devido à busca da totalidade dos frutos do Espírito e a Salvação, que é a parte soteriológica se equiparia à santificação. Todo este conjunto era inadmissível para John Wesley. Dentro dele havia algo se compondo, que, mais tarde, o levaria a discriminar pontualmente “justificação” e “santificação”, e várias outras doutrinas melhoradas e defendidas por ele.

Wesley lançou olhos para a sistematização morávia alemã, que se dividia pela localização das casas dos seus membros. Existia, também, a divisão por idade

e gênero. Permanecia, ainda, um planejamento de “edificação espiritual”, que era instituído por bands, ou seja, células. Outro itinerário interessante dessa viagem foi a sua ida a Halle. Terra natal de August Hermann Francke, cujo material literário havia estudado em Oxford, no clube dos Santos. Francke havia desenvolvido, quando ainda em vida, a “Casa dos Orfãos”, que alcançava muitas crianças necessitadas. A manutenção daquela obra dava-se pela renda advinda da venda de livros. Aquele modelo serviu de inspiração para o jovem Wesley, durante toda a sua vida, no trabalho e na área social, que ele haveria de sustentar. Contudo, aquilo que parecia, até então, quase celestial para John Wesley agora, já era alvo do seu crivo. E, muitos apontamentos negativos foram observados na comunidade morávia alemã, sendo esboçados nos escritos de Wesley, dentre eles: “negligencia com o jejum; exaltação de sua Igreja e de seu líder; uma tendência para leviandade; um espírito intimista; o uso de astúcia, malícia ou dissimulação – estando, portanto, longe do cristianismo apostólico que ele havia esperado encontrar em Herrnhut”. (HEITZENRATER, 2006, p.85).

1.4.2 Crescimento espiritual e teológico em John Wesley (1703 -1738)

A teologia de John Wesley pode ter sofrido influências familiares, das duas correntes do pietismo, do método lockeano, do Puritanismo, dos místicos e da sua ligação com a Sociedade para promoção do conhecimento cristão, como também do Arminianismo, e principalmente da Igreja Anglicana, a qual pertenceu toda a vida. Porém estas influências ainda não são a mola propulsora que moveu o coração deste jovem clérigo “O fator principal que motivou Wesley a explorar essas fontes [...] centra-se na pergunta existencial sobre o modo de salvação da sua vida”. (Passos para uma teologia wesleyana brasileira, pg.13).

A história relata esta crise existencial a partir dos 13 anos de idade de John Wesley e esta busca em salvar sua própria alma passou por vários períodos e oscilações em relação à fé, a salvação que inúmeras vezes além de afetar seu

espírito abatia também sua alma. John Wesley estava focando em adentrar o céu. E por isto era um expectador de suas lutas interiores, por conta da fé. Um tema instigante. Observa-se dois momentos muito distintos na vida de John Wesley de 1703 a 1725 seu tempo foi usado na formação familiar e profissional, por isto se trata de uma leitura voltada para a psicologia e pelo encontro do homem no meio social. (RIBEIRO et. al., 2007).

Por se tratar de um estudo voltado a construção teológica linear de John Wesley em sua profundidade é necessário salientar que a história pode ter faltas consideráveis. Com certeza por sua criação ser em um lar anglicano, com um pai pio e devoto e morar ao lado da paróquia ligada ao Anglicanismo e conduzida por este mesmo pai, teve acesso a tantas outras informações que não foram alcançadas pelos historiadores, por não ter ainda a criança uma forma reflexiva de pensar. A ciência confirma que a idade da infância registra muitos marcos que ficam impregnados no comportamento do adulto de forma contumaz. É de se esperar que em Eptworth chegasse vários ventos de doutrinas que foram analisadas pelo seu erudito pai. Um ambiente paroquial produz a circulação de inúmeras pessoas diariamente. Pessoas inquiridoras, confusas, carentes e necessitadas que buscam em seu pastor esclarecer dúvidas sobre salvação e auxílio diário nos reveses da vida. Pode se afirmar que o trabalho de seu pai, se estendia de pregar a salvação até rechaçar as seitas heréticas que estavam em evidência na época e disciplinar as ovelhas do aprisco que estavam sobre sua responsabilidade o que fazia com rigor.

A história de John Wesley esclarece também que os debates no pequeno grupo familiar eram fartos de teologia que se estendiam dos místicos, passando pelos pietistas, luteranos, calvinistas, anglicanos e puritanos. Concomitantemente com o seio familiar John Wesley aprendeu a disciplina rigorosa advinda de sua organizada mãe, que lhe foi dada por herança e amor, que ensinaram, a esse homem, a organização que ele utilizou para comandar, em sua idade adulta, a milícia metodista do avivamento que palmilhou as vias da Inglaterra e proclamou as alvíssaras.

Já de 1725 a 1738 tem-se um padrão biográfico onde John Wesley gasta sua energia em busca da certeza da fé. (RIBEIRO et. al., 2007). No ano de 1725, em algumas definições de sua teologia, da herança pietista, John ensina que a

santidade se dá na alma humana, então se trata de uma realidade interior e que a verdadeira religião se desperta no coração e ali ela toma seu acento e que Deus é totalitário. A lei de Deus envolve o homem e abrange seus pensamentos, suas palavras e ações. Ao homem é atribuído a responsabilidade de se relacionar no Universo, com Deus e com a humanidade.

E que é assim que se atende a esses critérios. Dentro desta conclusão, se exhibe em seus registros um teor de racionalidade inigualável, onde ele se declara um bom cristão. Também há um “*convencimento*” de que o homem pode sentir o perdão de Deus. Este entendimento o deixa em posição de inquietude, pois ele não havia experienciado tal certeza. E isto o movia a ir em frente.

Em suas ponderações, logo percebe que, mesmo provando dessa certeza de perdão e tendo essa garantia, não havia indícios que o pecado não poderia novamente surgir dentro do homem. Aqui já se observava em Wesley, antipatia pela doutrina da predestinação. Naquele momento, há também a definição dos parâmetros da Graça, que consolidava um equilíbrio entre a fé e as obras, e o uso dos seus meios.

Existia, em sua pessoa, grande esforço para ter um viver santo. Estava interessado, também, na pureza de intenção interior; se alicerçando naquilo que ele compreendia essencialmente das Escrituras, com foco nas virtudes de Cristo. Sobre a conversão, veem-se oscilações que se estendem por toda a sua juventude, partindo de suas próprias flutuações de sensibilidade espiritual.

Até então, já tinha bem fundamentado dentro dele a essencialidade do “*Viver Santo*”, à natureza do verdadeiro cristianismo; o cristianismo primitivo. Esquadrinhava a “*situação correta da alma*”, não se tratando de usar, para tanto, um método estático estabelecido, mas uma vereda que se desenvolvia conjuntamente com a vida, em suas experiências, relacionamentos e etc...

Em 1729, continua a se destacar a “*justificação racional*” e também um progressivo interesse pelo próximo. Seus métodos e atividades assinalavam o alvo de impulsionar a “*santidade do coração e da vida*”, terminologia típica das sociedades religiosas, tanto para si, como para outrem. Continuava buscando segurança e aplicava o método de “*não subtrair nenhuma responsabilidade nem de*

Deus e nem ao homem.” As leituras da literatura de William Law evidenciam um despertar em suas anotações, onde utiliza o texto de Efésios 3: 18-19 para sua designação:

“[...] a fim de poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus.”.

A partir daí, já podia permear uma esperança de salvação consolidada na sinceridade do seu próprio desejo de possuir uma vida cristã, conjuntamente com as promessas de Deus. Um pouco mais amadurecido, coloca sua convicção de salvação, não na perfeição de seus atos, mas atuando da melhor forma possível para um viver santo. Este entendimento lhe deu confiança para prosseguir, mesmo diante de críticas e da identificação de suas próprias falhas.

Nota-se em Wesley uma dubiedade de pensamentos. Pois considerava que não existem atos indiferentes, cada ação tem um valor moral constituído; bom ou mau. Mesmo negando a perfeição própria e entendendo suas limitações, ainda buscava a obediência perfeita, que refletiria no padrão escolhido de vida, e também em suas escolhas morais e diárias, colocando sobre si um fardo de responsabilidade.

A partir de então, vê-se em seu comportamento uma ascendente forma compulsiva em suas atividades. Confusa para os observadores, que entendiam aquelas demonstrações externas de atos virtuosos, baseados em regras e métodos, como uma excessiva preocupação. O que implicou em fortes críticas a John Wesley. Estaria ele buscando uma forma legalista de justificação pelas obras? Porém, sua busca era pela pureza interior, onde se adicionava o exercício de meditação nas virtudes.

Em 1732, ainda se vê sinais de uma disciplina crescente nos programas wesleyanos, somando piedade e misericórdia. Sua rotina agora era baseada nos costumes da Igreja do Novo Testamento a Igreja Primitiva.

O ano de 1733 foi marcado por seu ingresso na carreira literária. Não postulando aqui sua teologia, mas sim uma coletânea de orações feitas pelo “*Clube dos Santos*”, denominada “*Coleção de formas de oração para cada dia da semana*”. Percebia-se, no jovem Wesley, uma teologia que contemplava a praticidade dos métodos arminianos, com um complexo regulamento que ordenava obediência à vontade de Deus, mesmo dentro do contexto da nova aliança.

No sermão que ele esboçou na Igreja de Santa Maria, em janeiro daquele mesmo ano, vê-se uma defesa dentro do conflito instalado, em que suas atividades pessoais e de seu grupo que eram demasiadamente criticadas. John Wesley utiliza o texto de Romanos 2: 29, parte b: “... *circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.*”

Sua teologia aqui não era limitada por imposições negativas, nem recheada com uma lista de regras decretadas. Suas atividades se davam num rol de questões para avaliação individual ou até em grupo, objetivando um autoexame para cada dia da semana: Num dia avaliar a extensão do amor a Deus; em outro, a humildade; já no próximo, a mortificação e autonegação; em seguida, a resignação; e nos sucessivos dias, mansidão e gratidão.

Então, o ápice a ser atingindo é uma alma renovada à imagem de Deus, um estado interior que teria seu reflexo no estilo de vida cristã. Tratava-se, não de uma preocupação em responder aos ataques surgidos, mas em uma exposição assertiva e vibrante de sua interpretação do que é a peculiaridade que identifica um genuíno seguidor de Cristo. Este estado de espírito que, nas Escrituras Sagradas, recebe o nome de “*Santidade*”. O clímax daquele sermão é o convite ao amor, somando a lei perfeita e a verdadeira circuncisão do coração. Trazendo ao homem a mente que estava em Jesus Cristo.

Entre 1733 e 1734, John Wesley se torna cada vez mais singular na sua busca desta santidade, o que é confirmado pelas anotações em seu diário, que passa então a ter um novo item; a marcação de cada hora, com detalhes minuciosos, integrando aqui o método científico lockeano, ajustado por ele, abrangendo todas suas atividades: leituras, visitas, escritos, conversas e outras atividades, que são investigadas com sua “*medida de intenção*”.

A proximidade das leituras místicas também teve reflexo no seu comportamento, na busca do “*viver santo*”, com um crescente nível de autoexame, que o levou a ter uma conduta obsessiva. Tentando transpor o mal do mundo, John percebe que suas muitas regras o levavam para a produção de um efeito contrário. Ele começa a observar que este método é contra produtivo, não lhe trazendo a segurança e a esperança que buscava, apenas evidenciando suas falhas e fracassos.

Começa, então, a lançar sortes para averiguar, antecipadamente, se “as regras” seguidas por ele estavam sendo apoiadas por Deus. Este ato que John Wesley passa a executar, ditado no Velho Testamento, significava para ele a direção da providência divina.

Em 1735, Wesley encontrava-se na América. Demonstrando uma postura determinada e disciplinadora. Mas, acima de tudo, um trabalhador na seara de Deus. O que poderia ter levado a isto? Paixão? Consciência de seu dever? Vício em obediência? Pode-se agregar tudo isto, mas, John declara em seu diário, que aquela viagem representava para ele, a oportunidade de ganhar sua própria alma.

Esse somatório de motivos leva a compreender a persistência daquele jovem, que cometeu erros, como tantos outros jovens; por seu entusiasmo em cada descoberta; por seu vigor juvenil; e pela necessidade de imediatismo e soluções, comuns a todos os imaturos, que tomam a parte pelo todo, antes de conhecer o todo.

Uma parte de sua ousadia, ou talvez inflexibilidade, ou até mesmo imprudência, o levou a ter problemas na Geórgia. Contudo, era o moço que entendia a necessidade do seu país, dos necessitados e também dos desvalidos, e tinha por meta dar o seu melhor.

John Wesley descobre, em 1736, que aquilo que ele entendia por plena verdade - os cânones bíblicos da Igreja do Novo Testamento, ou a “*Igreja Primitiva*”, não estavam dotados de genuinidade. Faltava também o absolutismo (que ele imaginara até então existir), e, por consequência, não poderiam ser de cabal autoridade. John poderia ter se perdido aqui. No entanto, assume uma postura de fé,

que carrega para toda a vida, até sua morte: “*Se tivesse um erro neste livro também poderiam existir mil*”.

Em sua passagem pela recém-descoberta América, John teve o encontro com os morávios, que tanto mexeram com seu interior, com suas convicções. Eles que eram dotados de extremismos, aparência, posturas de fé em meio à ameaça da morte pelo mar. Linda cena que Wesley apreciou e que também o encabulou. Comportamento admirável, com humildade em meio ao escárnio de outros passageiros no navio. Mas, e o interior, a essência de tudo aquilo? Seria tão reluzente quanto o que abrilhantou os olhos de John Wesley e também aqueceu seu coração?

Este homem ávido por buscar sua própria salvação, não para por aí. Dedicou àquele grupo muito tempo de sua pesquisa. Experimentando o dia a dia daquelas pessoas. Observando, trazendo ao seu laboratório, colocando-os sob a sua lupa teológica, avaliando suas experiências de forma empírica (o método que estava em voga em sua época), saindo um pouco da racionalidade. Dando flexibilidade ao seu espírito e pontuando os gestos, o retorno das pregações, das doutrinas no meio dos interessados.

O jovem Wesley procurava o melhor. E o melhor, por tudo aquilo em que ele fora doutrinado, significava transmitir todas as “*Boas Novas*”, por meio da pregação, com clareza e verdade, não roubando e nem privando os fiéis do encontro com o saudável alimento das Sagradas Escrituras. Por isso, John se dobrou em uma profunda pesquisa, onde ele era o sujeito e também o próprio objeto a ser analisado.

Absorver tudo o que lhe era passado, avaliar cada item, e descartar o que não se encaixava com a verdade. Mas na verdade, qual era a verdade? Era necessário mais. Voltar às suas raízes, analisar parte a parte, e chegar a uma conclusão para montar sua teologia. E isto acontece! A razão encontra na pesquisa de Wesley seu lugar de honra, baseando-se em sua herança Anglicana.

Há uma divergência no meio dos pesquisadores, teólogos e historiadores, pois alguns afirmam que 1738 em Aldergaste ocorreu a genuína conversão de John Wesley, outros atestam que não, e afirmam que aqui ele teve convicção do perdão

dos seus pecados e que se tratou apenas da experiência da segurança. O próprio John Wesley em seus relatos não especifica isso e nem dá tanta ênfase para este momento de sua vida. Apenas escreve que aqui ele teve a certeza da segurança. Mas um curioso fato se observa neste ano. Logo após a experiência da segurança que viveu, ele dá um relato que antes desta data não era um cristão, o que escandaliza a sua família e alguns presentes do grupo de oração da Sociedade Fetter Lane. Observa-se aqui um caminhar teológico de John Wesley se inclinando para a visão dos morávios. John Wesley esperava ainda a totalidade dos frutos após a experiência do coração quente, como lhe fora ensinado pelos moravianos. Através de sua busca contínua às Escrituras ele se depara com o Livro de Tiago 2: 22

“Vês como a fé operava juntamente com as suas obras? E pelas obras a fé foi aperfeiçoada”.

John Wesley a partir daqui começa um confronto de seu entendimento de fé provindo do Anglicanismo, que tem sua raiz no catolicismo, e o quietismo, advindo da reforma de Lutero que os moravianos abraçavam. Perante os diálogos com o povo moraviano foi criticado por eles e acusado de acreditar que as suas obras poderiam salvá-lo, afirmando que sua fé não estava sedimentada em Jesus Cristo. Para obter mais dados ele perguntava pessoalmente ou via carta aos seus amigos sobre o estado interior de suas almas. Em relação a sua própria vida conclui que ainda não tem a felicidade e esperava ansiosamente por ela e se vê mais inclinado a banquetear e estar com os seus amigos do que ansiar a presença de Deus. Contudo, esperava alcançar uma visão maior do que possuía até então. E assim foi perpetrando a sua autoanálise de meses em meses e continuou com seu autoquestionamento. A pergunta que girava em seus pensamentos é: De ser ele cristão ou não? Sua dúvida estava na falta dos frutos do espírito paz, amor e alegria. Nesta época se entende sem amor a Deus, sem paz e sem alegria e questionava sobre invalidar todas as obras assistenciais ao pobre e também sua prática de usar por vinte anos consecutivos os meios da graça. Conclui mais para o fim de 1738 que não é um cristão.

2 O AVIVAMENTO: NOVAS EXPERIÊNCIAS DE JOHN WESLEY (1739-1746)

Essa etapa de vida de John Wesley foi marcada por muitas mudanças, desde o nível pessoal, ministerial e social a disputas teológicas variadas. Trata-se de um período de profunda experiência na vida deste pregador que se viu perante muitos desafios, novidades e adversidades inesperadas. Pode-se dizer que é um período de sedimentação da sua teologia e do seu trilhar ministerial.

Na Inglaterra já haviam surgido vários ensaios para um despertar espiritual desde o século XVII, mas que por falta de solidez não foram consolidados. Assim, as sementes plantadas no movimento espiritual como estudante de Oxford, articulado no “Clube dos Santos”, iniciado de forma modesta, vai ganhando projeção em toda a nação.

George Whitefield estando em Bristol chama John Wesley para assumir o trabalho de pregação que ele havia iniciado. Bristol era uma cidade que continha em torno de 50.000 habitantes, situada em um lugar estratégico no sudoeste da Inglaterra, pois ali foi construído um importante porto que fomentava o comércio entre a América do Norte e as Índias Ocidentais e, por conta disso, a cidade encontrava-se em plena ascensão.

Ao chegar a Bristol, John Wesley se depara com novidades que o assombraram. Seu amigo Whitefield estabeleceu cultos de pregação ao ar livre. Este ato não era ilegal, pois a Coroa Inglesa o permitia, porém era estigmatizado como sendo ação de dissidentes e heréticos.

John Wesley experimenta, naquele lugar, o que jamais havia acontecido em sua vida. Um ajuntamento em torno de 30.000 pessoas para ouvir Whitefield pregando a “Palavra de Deus”. Então, ele mesmo passou a pregar, e o grupo de pessoas para ouvi-lo, no início, girava em torno de 4.000 mil pessoas diariamente.

Sua agenda ministerial continha estas pregações ao ar livre, e com frequência ele visitava várias sociedades do local e também as Igrejas paroquiais. Continuou, entretanto dando atenção ao trabalho de pregação na Capela da Prisão de Newgate e do Asilo de Lawford’s Gate. Depois de um mês, dividindo seu trabalho entre

Londres e Bristol, o número de audientes de sua pregação cresceu abundantemente.

Nascia um novo Wesley, o Wesley havia emergido, o homem de ação indomável e cheio de energia. O pedante Wesley de Oxford, com o pároco polidamente elegante; o rígido autoritário de Savannah, como o salvador egoísta de sua alma; o dilacerado e dividido Wesley e quase fanático teólogo dos recentes meses, gradualmente desapareceu para dar lugar ao homem que [...] transformou toda a Inglaterra. (WESLEY, 2009, p. 400).

George Whitefield era um pregador avivalista e entusiasmado, mas deficitário no âmbito organizacional. Tinha, contudo, a seu favor, um acentuado carisma e era ovacionado pelo público ouvinte. O trabalho de John Wesley era metódico e organizado, não dotado do cunho emocional e vibrante do seu amigo. O que pode parecer que se completavam, porém entre eles já se viam sinais de estremeamento, pelas divergências teológicas e de métodos. Contudo, estas eram disfarçadas pelo bom humor de Whitefield, que ignorava as alfinetadas do companheiro John Wesley, não permitindo que fossem levadas ao limite da intolerância. Para John Wesley o importante era a questão da pregação e seu objetivo era a aplicação apropriada do método. E isso constituiu a força que fundamentou sua teologia.

Por outro lado, John Wesley foi desafiado a acentuar seu posicionamento teológico, por divergências que observava na forma de pregação de George Whitefield e das outras doutrinas que se propagavam na época e que lhe pareciam totalmente sem correspondência com as verdades bíblicas. Posicionamento esse que foi sendo moldado à medida que tinha de responder aos que perguntavam pelos fundamentos de sua doutrina e pregação. Além disso, foi uma teologia construída na atenção às experiências vividas no ministério juntamente com a adoção do critério de observação empírica.

Podem-se observar alguns fatos na vida de John Wesley que o impulsionaram a um processo de crescimento na área administrativa e organizacional. Novos projetos em seu ministério desafiaram sua inteligência. Em 1739, acontece a compra da Antiga Fundação, em Londres. Esse projeto foi apoiado financeiramente por dois simpatizantes de seu trabalho evangelístico. O imóvel foi reformado e adaptado para dar continuidade às pregações e instruir os

necessitados. Por ser um grande imóvel, teve uma parte em separado que se tornou a sua residência e também de sua mãe.

Mais uma divergência teológica ocorreu. Essa mudança implementou a cisão da Sociedade Fetter Lane em Londres por conta das “falas” de Molther, que contaminavam a sã doutrina. O que incorreu na divisão do grupo, depois de inúmeras tentativas de John Wesley em trazê-los de volta à coerência doutrinária. O episódio gerou controvérsia.

John Wesley observa que o real crescimento espiritual estava centrado nas Sociedades. E aqueles que não estavam inseridos nelas se enfraqueciam na fé e tinham a tendência ao afastamento da prática religiosa. Por causa da divisão abrupta dentro do reavivamento entre Moravianos, Calvinistas e Metodistas, muitos pregadores que trabalhavam no avivamento deixaram John Wesley. Diante dessa nova realidade ele lança mão da “pregação leiga”. Por entender que era o Senhor que os chamava a ceifar em Sua seara, seu antigo preconceito cai por terra, sob influência aconselhadora de sua mãe Suzana Wesley. Por outro lado permanecia a recusa de Charles Wesley em aceitar esse ministério leigo.

O tempo de John Wesley era dividido entre as Sociedades Unidas de Londres e Bristol e em Kingswood e Oxford, que requeriam naquele momento demasiada atenção e inspeção, devido às críticas externas e divisões internas. Por conta disso, Wesley estabelece regras dentro das Sociedades, proibindo discussão teológica relacionada aos pontos de tensão que inflamavam esta difícil época ministerial. A ordem era trabalhar com a alma, no intuito de converter, e não se ater ao “convencimento”, pois este era improdutivo. Vê-se que ele assumiu um posicionamento mais flexível e estava disposto a relevar certas diferenças.

John Wesley, naquele momento, encontrava-se avesso aos Moravianos, por suas inclinações sectaristas e suas ideias deturpadas. O objetivo era buscar as coisas que promovessem a paz e o desenvolvimento da santidade de cada membro do movimento. Em meados de 1741, John Wesley praticamente se vê sozinho no posicionamento teológico, rompendo com os Calvinistas e os Moravianos. Mesmo assim, permanece abraçado às suas convicções, tornando ainda mais criteriosas as filiações nas Sociedades dirigidas por ele.

Durante todo esse primeiro momento do processo de reavivamento por que passou a Inglaterra, de 1739 a 1741, as disputas teológicas giraram em torno destas questões: “eleição ou expiação universal, quietude ou obras, justiça imputada ou perfeição cristã. Eles eram os assuntos básicos que definiam a forma de todo movimento.” (HEITZENRATER, 2006 pg. 128).

Um fato marcante desse período foi a morte de sua mãe Suzana Wesley no ano de 1742. Ela foi uma mulher que sempre apoiou o filho no seu ministério e o aconselhou, da mesma forma que o seu irmão Charles Wesley, que permaneceu ao seu lado até os anos finais de sua vida. John Wesley também mantinha contato com alguns ex-membros do Clube dos Santos de Oxford, dentre eles George Whitefield e Benjamim Ingham.

Nesse período, o movimento metodista absorve outras paróquias, de pequenas cidades vizinhas, juntamente com seus responsáveis, que eram simpatizantes do movimento, criando assim uma espécie de Conexão. Tal fato requeria ainda mais empenho dos irmãos Wesley, que viajavam constantemente do sul ao norte do país promovendo, desse modo, uma pregação itinerante.

Por conta daquela coletânea de pensamentos teológicos e também dos diferentes arquétipos organizacionais, a preocupação de John Wesley passa a ser a de afinar a teologia usada, bem como a doutrina e todos os pontos de disciplina adotados dentro do movimento. Há uma preocupação com relação à transmissão dos ensinamentos, mas sobretudo com a forma prática de ensinar. Esta preocupação é refletida na Conferência de 1744, que tinha como tema: O que ensinar? Como ensinar? O que fazer? Todo este trabalho tinha um objetivo claro: “consolidar a Conexão e unificá-la”. O trabalho era estendido aos pregadores leigos. O movimento metodista continuava a crescer e também as obras sociais. As pregações continuavam nos presídios, e se via uma crescente importância em nutrir as mentes dos pregadores com livros, que eram levados para as Sociedades formando uma biblioteca com assuntos diversificados. “Publicou em 1746 seu primeiro volume de sermões onde trata das principais doutrinas evangélicas” (LELIÈVRE, 1997, p.167). É necessário enfatizar que as fases das doutrinas consolidadas por John Wesley foram diversificadas. Os desafios de John Wesley giraram em torno da Igreja inglesa, seus clérigos e o ensinamento da Palavra de

Deus ao povo. Os desafios eram enfrentados através de seus sermões, que se tornam a base teológica do movimento metodista e passam a ser espalhados para as mãos de pregadores leigos em todo o reino.

John Wesley distinguiu [...] Nos seus escritos [...] dois tipos diferentes de doutrinas essenciais: (a) doutrinas que definem a herança ecumênica ou “católica” ampla da fé cristã (estas incluem as doutrinas sobre a Trindade e a natureza de Cristo, definidas nos primeiros séculos cristãos; doutrinas sobre a necessidade humana da graça definida no tempo da Reforma; e doutrinas sobre a Igreja e seus sacramentos e ministérios); e (b) doutrinas que definem a espiritualidade particular e os ensinamentos do movimento metodista (especialmente os ensinamentos sobre “O Caminho da Salvação”, incluindo a graça preveniente, justificadora e santificadora” [...] Wesley tinha um claro sentido daquilo que era comum aos cristãos, e daquilo que era distintamente metodista (CAMPBELL, 2012, p. 19-20)

2.1 DOCTRINAS

Do relacionamento com os irmãos de Herrnhut, passando pela experiência do “*Coração Quente*”, e prosseguindo com suas pesquisas, John Wesley abraça duas doutrinas que seriam amplamente utilizadas em seu ministério itinerante. A saber: A Doutrina da “*Justificação pela fé*” e a “*Doutrina da Segurança*”, que serão explicadas a seguir.

2.1.1 Doutrina da “Justificação ou Salvação pela fé”

A Doutrina da “*Justificação pela fé*” começou a ser propagada por Wesley, antes mesmo do episódio de Aldersgate. Nos diálogos teológicos de Wesley com Spangenberg e com Peter Böhler torna-se evidente a importância deste tema.

Apesar de reconhecer, por aqueles colóquios que era um homem sem fé, resolveu “pregá-la” até que a obtivesse, seguindo o conselho dado por Böhler. Observando a comunidade moraviana, Wesley “descobriu que o relacionamento deles com Deus era animado pelo misticismo, que enfatizava a compaixão de Cristo expressa por meio de suas feridas e seu sangue derramado pela humanidade”. (RUNYON, 2002, p.64).

O homem que procurava ser salvo pelos seus próprios esforços e se esmerava neste intento por anos e ensinava outros também a fazê-lo, como ocorreu no “Clube dos Santos,” em Oxford, agora se via defronte a uma proposta doutrinária desconcertante. Ou seja: a justificação pela fé, baseada na “Graça de Deus”, que era oferecida gratuitamente e livremente ao homem.

Aqui a salvação é somente pela fé, “*Sola Fide*”. Wesley passa a observar que a sua pregação começa a produzir um efeito diferente nos ouvintes. Eram como que despertados na sua fé quando do anúncio da “Graça”. Tratava-se de um homem que, até então, entendia que as “Obras” eram de suma importância para salvação. Wesley, agora, se via liberto do trabalho de efetuar esforços para ser aceito por Deus. A redenção operada por Cristo na cruz realizou por completo esta obra. Cabia a John usar a fé e apropriar-se desta salvação. Ele se apoiava nessa doutrina, também por haver encontrado seus fundamentos nos Artigos Anglicanos e no Livro das Homilias.

2.1.2 Doutrina da Segurança

Após a experiência de Aldersgate, consolidou-se a chamada Doutrina do “*Testemunho do Espírito*” ou Doutrina da “*Segurança*”. O alicerce familiar de John, sobretudo por influência do pai e da mãe como vimos, tinha um cunho “*pietista puritano*”. Eles acreditavam no testemunho do Espírito, que coloca no coração

humano a pronta segurança testemunhada. Por isto, ao longo de sua vida, Wesley é bastante inclinado e atraído pelo tema.

No entanto, essa experiência só se tornou sacramentada para Wesley, no dia 24 de maio de 1738, quando ele próprio, como sacerdote anglicano, experimenta a segurança de sua salvação e do perdão de seus pecados. Isso lhe trouxe um novo ânimo no exercício de seu ministério. Por outro lado, restaram-lhe dúvidas. Não eram dúvidas quanto às vivências experimentadas. Mas aparecem problemas e dúvidas em nível teológico a respeito do que ele mesmo havia recebido, por meio da participação no grupo Moraviano, a respeito dos desdobramentos desta confiança e segurança quanto à salvação, o que o levou a aprofundar sua pesquisa e fundamentar a doutrina.

Esta doutrina é baseada na Carta de Paulo aos Romanos, capítulo 08, versículos 15 e 16:

“[...] mas recebestes o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”.

Ou seja, a experiência é definida pela ação do Espírito Santo de Deus, que testemunha no espírito do homem. Os sustentáculos dessa doutrina são a Esperança e a Fé, a partir do texto de Hebreus 6: 11, que utiliza a palavra em Grego – *plerophoria*, traduzida como “*plena certeza*”. Esta plena certeza abrange o presente, através da confirmação do perdão dos pecados do homem. E, escatologicamente falando, contempla o quesito esperança, pois através da perseverança o homem poderá alcançar a Glória Eterna.

O apego de Wesley a esta doutrina causou grande oposição por parte da Igreja Anglicana, que o acusou de pregar por “entusiasmo”. A consequência foi que os púlpitos anglicanos se fecharam para a sua pregação. É claro que Wesley passou a contestar tal acusação. Publica a obra “*Novo apelo a homens de razão e religião*” onde denuncia a frieza das orações públicas e privadas, nominando-as como

tediosas e afastadas do amor de Deus. Ressalta que a autêntica religião é aquela que envolve a própria vida do cristão com o Criador.

Wesley apresenta a pessoa do Espírito Santo como aquele que desvenda, derrama amor, consola, inspira, sopra, ensina e verte na alma humana a impressão genuína de Deus. O Espírito Santo dá a paz interior e abre o coração do homem para a generosidade. Por meio do trabalho do Espírito Santo no coração dos homens é possível falar e dar testemunho do perdão e do amor de Deus. No entanto, para os membros da hierarquia da igreja Anglicana, Wesley passava a ideia de um entusiasmo e imediatismo místico. Apesar disso, todo o ministério de Wesley é marcado por um árduo trabalho, pelo desejo de ensinar e praticar os conselhos evangélicos e também realizar as chamadas “boas obras”.

2.1.3 Doutrina do Espírito Santo

No desenrolar da história Bíblica encontra-se o papel do Espírito de Deus, como sendo o poder e a força vital de todas as criaturas. No Antigo Testamento, por exemplo, documenta-se a ação do Espírito de Deus que despertava aqueles aos quais Deus confiava a missão de libertar e salvar o povo. No Livro do Profeta Isaías, capítulo 61: 1, constata-se uma afirmativa de tal função:

“O espírito do Senhor DEUS está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos mansos, enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos”.

No livro do Profeta Ezequiel, está descrito um trabalhar diferenciado do Espírito de Deus, que é de despertar para a vida, onde já não existe esperança. A

atuação do Espírito de Deus continuamente é atribuída à função de recriar, e somada a ela ser o provedor da sabedoria, do conhecimento, da força e do temor.

Pode-se encontrar, portanto, nos textos bíblicos, do Antigo para o Novo Testamento, a preparação para uma nova configuração de relacionamento do homem com Deus. Prefigura-se a necessidade de uma transformação do ser humano e uma configuração de sua vida em conformidade com a dinâmica da Revelação que supõe a abertura do homem a Deus. A execução desta transformação é atribuída ao Espírito de Deus.

Seu trabalhar se dá no coração do homem. Ou seja, no “*centro pessoal*”, onde ocorre a mudança de um coração de pedra, inapto e insensível ao chamado de Deus, em um coração de carne, ou melhor, um coração capaz de sensibilizar-se e dar ouvidos ao chamado feito por Deus, tanto no âmbito pessoal quanto no social ou coletivo.

Essa preparação é precedida pela promessa de um derramar do Espírito de Deus sobre toda a carne, para que reconheçam o Salvador. Esta Promessa cumpriu-se no Novo Testamento, através da presença de Cristo, em toda a sua trajetória, até a morte de cruz. Os livros de São João, São Lucas e São Marcos atestam tal afirmativa. E não se pode deixar de relatar aqui o dia de Pentecostes, registrado no Livro de Atos dos Apóstolos.

Porém, ao longo de toda a história da Igreja, a dimensão pneumatológica foi objeto de atenção. De um lado, é evidente que houve uma censura às experiências com enfoque pneumatológicos, tanto no nível pessoal quanto social, devido à complexidade desse processo, e o perigo de “*Entusiasmo*”. Por outro lado, é necessário salientar o risco de se esquecer da dimensão pneumatológica e sublinhar simplesmente as estruturas institucionais. Entretanto, no contexto do ministério e pregação de John Wesley vê-se por parte dele o resgate da centralidade da ação do Espírito Santo. Aliás, no centro de sua pregação está a certeza da ação amorosa e inspiradora do Espírito de Deus. Por conta desta ação, desde o começo do seu movimento, houve admoestação à sua postura, e fora denominado “*entusiasta*”.

Entretanto o foco de John Wesley era na experiência da “*ação do Espírito*”. Então a sua pneumatologia, na verdade, era basicamente um ângulo da soteriologia. Não se via, naquele clérigo, a intenção da busca dos sinais exteriores, tão comumente procurados no movimento pentecostal, dentre os quais o dom de Línguas e o dom de Profecia. Ao contrário, seu foco principal estava no reconhecimento da ação de Deus na interioridade humana.

O ponto fundamental da doutrina do Espírito, em John Wesley, é baseado na Carta de São Paulo aos Romanos, capítulo 5, versículo 5, parte b:

“[...] o amor de Deus foi derramando pelo Espírito Santo em nossos corações...”.

A afirmativa daquele clérigo anglicano é de que é o “*Amor*” o único e genuíno sinal de um metodista; esta é a marca do verdadeiro cristão. Este derramar do Espírito é o que transforma o homem e muda sua vida pessoal. Este é o cumprimento da promessa de transformação do homem, a partir do seu interior; de seu espírito. Através da Palavra, o homem ouve a verdade da mensagem de Cristo; que é o filho de Deus sacrificado na cruz. Aquele sacrifício demonstra aquilo que o homem ainda não conhecia; que é a verdade do amor de Deus pela humanidade. Esta ação somente é possível pelo trabalho do Espírito Santo. É Ele que revela ao coração do homem a plena verdade sobre Deus, conforme está no Livro de Romanos 5: 8:

“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.”

A mensagem wesleyana evidencia esta verdade em seu apelo a todos que duvidam do amor de Deus. Deus ama, não porque o homem merece esse amor. Esse amor ofertado por Deus, pela graça, vem para preencher no homem a lacuna

que existe pela falta de sua essência; o amor com o qual foi criado. A efetuação desta certeza e deste trabalhar, é obra do Espírito Santo de Deus.

Quando o homem é alvo desse amor de Deus, este amor o capacita a amar a Deus e aos outros homens. A partir daí, o amor passa a ser o padrão medidor que existe neste homem no seu íntimo “que os cristãos experimentam no corpo de Cristo e constitui a motivação de não mais viver para si mesmo, mas passar adiante essa doação do amor de Deus em serviço de todos” (KLAIBER, 2006, p.183).

2.1.4 Doutrina do Renascimento

John Wesley afirmava que a justificação e o renascimento aconteciam contemporaneamente. Cada uma delas manifesta uma íntima e sensível diferença. A justificação é entendida por ele como uma mudança da relação do homem com Deus. De ímpio ou pecador, apartado de Deus, para justificado, através do sangue de Cristo, na presença de Deus, agora em comunhão com Ele, assumindo o papel de filho, e recebendo o favor divino.

Já o Renascimento significa a transformação de todo o ser. Na justificação o agir de Deus é “*fazer pelo homem*”, no renascimento “*Deus faz dentro do homem*”, tornando-o santo. Na justificação, o homem é tirado de um lamaçal de pecados, sendo perdoado. No renascimento ele é liberto do “*poder do pecado*”; condição que possibilita ao homem resistir ao pecado e ter êxito no processo de santificação.

2.2 A GRAÇA

A doutrina da graça está fundada na verdade do Deus revelado em Jesus Cristo que é amor. Ele cria o mundo e os homens por amor e está presente em amor. Além disso, por seu amor crucificado, oferece aos homens a reconciliação. Desse modo, faz com que os homens e mulheres íntimos e os familiares sejam cordeiros com Cristo. Esta ação reconciliadora vem pela atuação do Espírito Santo. Através Dele o homem é impelido ao encontro com Deus e ao reconhecimento de sua missão em favor dos pobres e oprimidos.

2.2.1 A Graça em John Wesley

A característica do amor de Deus é que ele se interessa pela pessoa e entra em comunhão com o ser humano e deseja sua salvação. Aliás, a salvação é o centro da pregação de Wesley, que é denominado por muitos autores como o pregador da Graça de Deus, que é oferecida aos homens não de maneira forçada, mas baseada na livre capacidade de escolha e adesão do homem.

Associando o discernimento dos teólogos do Ocidente, que entendem a Graça como “*Perdão e Absolvição*” de Deus, ao dos teólogos do Oriente, para os quais a graça identifica-se com o poder atuante de Deus no homem com a missão de restaurá-lo, John Wesley esboça a sua própria concepção sobre a Graça. O fundamento da graça, como já dissemos, é o amor que perdoa e que também traz a renovação.

Sua primeira manifestação foi quando Deus gerou a humanidade. Depois do pecado de Adão, vem o perdão de Deus, através do sacrifício do seu filho “*Jesus Cristo*”. Aí se pode observar novamente a ação desse amor oferecido por Deus para a renovação do homem. A compreensão do processo de salvação é comparável aos elementos presentes em uma casa: “a graça preveniente seria a varanda, a justificação a porta, e a santificação ou santidade os cômodos da casa onde somos chamados a morar”. (RUNYON, 2002, p 41).

2.2.2 Graça Preveniente – A varanda da Casa

A chamada Graça Preveniente tem duas funções. A primeira é a de ser dom de discernimento para o homem. Esta graça acontece antecipadamente a qualquer ação humana. A segunda função é impulsionar o ser humano a dar o primeiro passo no caminho da salvação. Este passo é como o despertar do homem pecador. É o sentimento de que é necessitado da graça de Deus, mas não encontra em si condições para alcançá-la. Deus efetua, então, o despertar da consciência deste homem. Para Wesley, este é um dom sobrenatural – é a ação do Espírito de Deus.

Deus atua no coração do homem, e esta ação se dá na forma de impulsos no decorrer de sua vida. A consciência dá ao homem o valor das ações, podendo qualificá-las como boas ou más. O homem pode sofrer fissuras no caminhar da vida, concernentes à saúde, dinheiro, família etc. Ou pode ir em sentido contrário, ter tudo sob controle e estabilizado, alcançar sucesso, e, mesmo assim, se deparar com a angústia existencial.

Existe um leque de ações pelas quais o homem pode ser confrontado: a insatisfação pela vida; a angústia da existência; a carência de confiança perante a própria vida; atritos com outros homens; culpa que não se pode conter – é um prognóstico de uma vida débil em seu fundamento. O homem colocado nestas situações vive o sentimento de uma desproporção estrutural que o abre para a graça. É o que o apóstolo Paulo dizia: “não faço o bem que quero mas faço o mal que não quero”. A Palavra da Bíblia vem ao encontro do homem de modo profundo, levando-o a refletir sobre seus gestos e palavras, enfim, sobre a sua própria existência. Este “acordar” ou “despertar” leva a constatar o seu afastamento de Deus e dá forças para desejar de novo a volta para Deus.

2.2.3 Meios da Graça

Para John Wesley, os “*meios da graça*” são disponibilizados, por Deus, desde o início da trajetória do homem. Ele os entendia como coadjuvantes para a investigação e para o alcance da cura. Os “*meios da graça*” fornecem ao homem que foi despertado, e que agora passa a questionar a respeito de Deus e também sobre si mesmo, uma orientação. Os meios da graça são, então, uma estrela de orientação que indica o caminho da salvação.

Assim, os meios principais para ajudar o homem a orientar-se são: a pregação; a leitura da Palavra de Deus; a leitura de outros livros auxiliares no processo de descoberta e conhecimento da Bíblia; os ensaios de oração; o contato com aqueles que ensinam a Palavra; e a Eucaristia. Estes meios levam o homem a se deparar com Deus. Sua função é instrumental para ajudar a alcançar o encontro do ser humano com a Revelação.

2.2.4 Graça Convicente – Conversão

A ação da “*Graça de Deus*” favorece uma constante metamorfose na vida do homem. É necessário elucidar que neste processo não se trata de atender às conveniências religiosas, ou receber uma cura de enfermidade, ou atendimento às deficiências, ou suprimir falhas e carências da vida. Esta metamorfose é profunda, dotada da radicalidade evangélica e abrange a dimensão totalitária da existência humana, produzindo novo impulso à vida, levando o homem para bem distante do caminho dos “*falsos deuses*”. São denominados falsos deuses aqueles que regiam a vida do homem egoísta, sem Deus: riqueza, poder, vida sexual desregrada e pecaminosa, dentre outros.

O termo “*Graça Convicente*”, para John Wesley, tem duas funções que trabalham concomitantemente. Em primeiro lugar, tem-se a função de abrir os olhos, para que o homem descubra sua real situação perante Deus. Em segundo lugar, por esta graça o homem, perdido e ferido, é encaminhado a encontrar em Jesus Cristo a

oferta gratuita da salvação. É o chamado caminho do “*arrependimento*”. Vemos na Teologia de John Wesley uma distinção nítida entre:

- Arrependimento da Lei – o arrependimento efetuado pela Lei, que gera no homem um convencimento íntimo, reconhece a situação de pecador, no âmbito da própria consciência.
- Arrependimento do Evangelho - aqui se trata do arrependimento efetuado pelo Evangelho. Seu alcance vai do coração à totalidade dos fatores da vida. O homem passa por um processo de transformação que vai da consciência do mal gerado pelo pecado ao reconhecimento de que a Boa Nova recebida em Jesus Cristo renova e gera a santificação do ser.

O discernimento de John Wesley sobre conversão provém do Velho Testamento, e este termo indica penitência, ou arrependimento:

Neste sentido, conversão, significa afastamento de um caminho falso e de metas erradas. Isto é, afastamento de falsos deuses, o abandono de uma religiosidade aparentemente boa, como a que presta honras a Deus com cultos divinos, festivos e numerosos sacrifícios, segundo leis e costumes humanos, mas que assim despreza o cumprimento da vontade de Deus .(KLAIBER, 2006, p.245).

No Velho Testamento, observando as falas dos profetas, averígua-se o repúdio do povo a esta conversão. Vê-se, numa abordagem pessoal dos profetas, que está em jogo a vida ou a morte. John Wesley fazia uma indagação: Se Deus oferece a vida, porque queres morrer? Esta pergunta é o ponto crucial da pregação wesleyana no século XVIII.

2.2.5 Graça Justificadora – A Porta da Casa

Trata-se da restauração do relacionamento do homem com Deus. Somente através de Cristo Jesus este processo pode acontecer. Ele interrompe aquilo que o pecado trouxe, que é a alienação do homem, proporcionando o “*religar*” do homem em Deus, reconectando-o em Deus. Através dessa justificação o homem poderá aproximar-se. Essa misericórdia, que reconcilia, é alcançada pela fé.

A fé vem pelo ouvir (ou ler) a Palavra de Deus. Ela tem poder para libertar, purificar e edificar o homem. A Bíblia torna-se para o homem uma bússola; a direção correta, a orientação necessária para encontrar o caminho da salvação, e manter-se nele; através do Salvador. Bem como, a segurança de estar sob a proteção do Altíssimo. E assim, realizar-se plenamente em Deus e por Ele.

A justificação é uma ação simultânea com o “*Novo Nascimento*”, também chamado por John Wesley de “*Regeneração*”. A partir daqui se inicia o processo de santificação.

2.2.6 Graça Santificadora – Os cômodos da Casa

É a transformação que Deus realiza na alma humana, objetivando, a partir do “*Novo Nascimento*”, renová-la segundo a imagem de Deus, dotando-a de justiça e santidade. Este processo leva tempo e requer maturação. Por isto, pode-se enfatizar que é um processo crescente, trazendo vida, saúde e acentuando, cada dia mais, os meios que favorecem a comunhão.

Aqui se vê, em John Wesley, um passo teológico a mais do que Lutero, que tinha como ápice a Justificação. Para o homem justificado em Cristo só restava esperar pelo dia da redenção. Mas segundo a teologia proposta por Wesley, no século XVIII, era necessário reforçar o processo de “*Santificação*”, operado pelo Espírito Santo de Deus. Havia no seu ministério e em sua pregação uma concordância com Lutero, até a justificação. Ou seja, o alcançar da “*Graça*”. Porém,

para Wesley era necessário deixar que a “Graça” continuasse a atuar de forma crescente no homem salvo. Não há limites, portanto, para a graça de Deus que atua no homem.

Aqui, o fundamento sobre santidade, tão enfatizado por John Wesley, está no Livro de São Paulo aos Hebreus, Capítulo 6, versículo 1.

“Por isso, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus”.

Já se podem notar, nesse pensamento primário wesleyano sobre a santidade, os fundamentos que foram usados por ele, para a concepção da *“Doutrina da Perfeição Cristã”*.

2.3 DOCTRINA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ

A Perfeição Cristã é entendida por Wesley como um *“dom de Deus”*. Dom este que provém da fé. Esta perfeição é alcançada de forma gradual, onde o cristão é levado paulatinamente à perfeita santificação, até ter plena convicção de que o amor de Deus é capaz de satisfazer os desejos do ser humano. O homem que vivencia este preenchimento de amor não se encontra mais sujeito ao pecado, pois o seu coração está limpo, completamente puro, e sua atitude é a de dar graças a Deus por este feito.

Afirmava John Wesley, que, na *“Plena Perfeição”*, o elemento em ação é o *“Poder do amor de Deus”*. Através deste poder o cristão é justificado, regenerado e santificado.

Para se delinear a “*Perfeição Cristã*”, de forma mais simples, a expressão que mais se aproxima seria “*Amor Perfeito*”. O amor aqui é conteúdo essencial, e este amor trabalha de forma ascendente. O conceito de Wesley é “*dinâmico*”, no entanto ele não descartava que o homem envolvido em tal perfeição necessitasse de perdão e socorro na “*Graça de Deus*”.

Albert Outler sugere que a doutrina foi mal interpretada não apenas pelos oponentes de Wesley, mas também por seus amigos e seguidores, porque eles a compreenderam a partir da tradução latina *perfectio* (perfeição aperfeiçoada) [perfected perfection], um estado de perfeição alcançada, em vez de *teleiotes* (perfecting aperfeiçoadora), na tradução oriental, “um anseio sem fim por toda a plenitude do amor” (RUNYON, 2002, p.120).

Outra característica importante desta perfeição é a “*Liberdade do Pecado*”, até a sua total inexistência. Este teólogo considerava que o cristão é liberto do “*poder do pecado*” pelo novo nascimento e pela santificação. John Wesley atribuiu à “*Doutrina da Perfeição Cristã*” um lugar proeminente na sua teologia, e também em seu ministério. Na atualidade, os teólogos defensores desta doutrina sugerem a ela um nome mais adequado: “*Integridade de Vida perante Deus*”. Por ele entender que era um “*dom particular*”, que Deus concedeu aos metodistas dentro da Cristandade, também compreendia que aqueles que rejeitavam aquela doutrina estavam totalmente contrários ao movimento por ele liderado. O perfil desta doutrina era análogo à sua Doutrina da Santificação (KLAIBER, 2006, p.314).

É necessário salientar que o delineamento desta doutrina jamais exclui a pessoa de ser dependente de Deus. Pelo contrário, ela é caracterizada pela total dependência D’Ele. Independente do estágio de perfeição ou santificação, o homem precisa reconhecer sua miséria espiritual, e ter consciência da necessidade de pedir pela Sua presença e de estar envolvido pela “*Sua Graça*”.

Wesley teve o cuidado de esboçar as principais linhas e teses dessa doutrina, especialmente pela controvérsia gerada em torno destas ideias. Por isso, a primeira preocupação dele foi esclarecer o que não correspondia à sua doutrina da Perfeição Cristã. Ela não significava infalibilidade. Portanto, sua doutrina não defendia uma

posição de “*não falhar*”. Não havia nela a liberdade de errar ou de praticar atos de fraqueza. Também não era absoluta.

Os atributos, “*infallibilidade*”, “*perfeição*”, e ser “*absoluto*”, pertencem somente a Deus. Ele afirmava que perfeito é quem tem a mente de Cristo e anda nos mesmos passos que Ele. É a pessoa que possui, no seu interior, a intenção do coração carregada de toda a pureza, conjuntamente com atitudes ou feitos puros.

Baseado na Primeira Carta de São João, este teólogo encontrou inspiração para o desenvolvimento desta doutrina, a partir do capítulo 4, versículo 12:

“Ninguém jamais viu a Deus; se nos amarmos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor.”

Outra influência em favor desta doutrina provém do próprio movimento metodista do século XVIII, a partir de muitos testemunhos dos fiéis de que Deus havia concedido a alguns a “*santificação perfeita*”. Outra influência para o desenvolvimento desta doutrina provém da própria “Tradição Cristã”, representada pelos místicos, tanto da Idade Média, quanto aqueles que iniciaram a era moderna, e também pelos santos padres gregos da antiguidade.

2.4 CONTROVÉRSIAS E DISPUTAS TEOLÓGICAS

John Wesley em sua trajetória de vida foi afrontado por suas afirmações teológicas e também rechaçou aquelas em voga no século XVIII que contrariavam sua ética religiosa. Para melhor entender seu posicionamento teológico final é necessário observar as controvérsias com as quais ele esteve envolvido em sua vida.

2.4.1 Controvérsias com os Morávios

A concepção do “*quietismo*”, do grupo Moraviano, era formulada a partir do texto bíblico do Livro de Salmos, 46: 10:

“Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus; serei exaltado entre os gentios; serei exaltado sobre a terra.”

Em 1739, chegou da Alemanha “*Philip Henry Molther*” e reuniu o povo da Sociedade Fetter Lane, que era conduzida até então por John Wesley depois da partida de Pether Bohler para a América, convencendo-os de que eles não tinham a verdadeira religião. Sob sua ordem, deveriam interromper o uso dos meios da graça, e, até mesmo, de tomar a santa ceia. Todo o tempo deveria ser dedicado ao que era realmente importante: a ter a fé verdadeira e a ter a experiência da segurança da salvação a partir do conhecimento de Cristo. E exortava as pessoas a não usarem os meios da graça e nem realizar obras de piedade enquanto não desenvolvessem fé verdadeira em Cristo.

Wesley denomina esta teologia de “*Teologia Sublime*”. Porém, ela é contrária a tudo que ele praticava e confiava. Tal doutrina comprometia sua posição teológica. Seu conselho e exortação foram que as sociedades que tinham tido contato com aquela teologia procedessem de forma diferenciada: “Esperassem no Senhor em todas as suas ordenanças, e assim fazendo, estarem quietos e permitirem que Deus realize sua obra total em suas almas”. (HEITZENRATER, 2006, p.106).

Era simples o pensamento de John Wesley. Não era possível acreditar que a “*Sola Fide*” eliminava as obras de misericórdia que Jesus Cristo havia ordenado: “*alimentar os pobres; vestir os nus; visitação aos doentes e os presos*”. E nem as

obras de piedade, que incluso em seu conjunto está: “a participação na mesa do Senhor, a oração pública e privada e a leitura e meditação das ‘Sagradas Escrituras’ e o jejum” (HEITZENRATER, 2006, p.107).

Com essa posição, Wesley confronta Lutero, que defendia o “*Antinomianismo*”, afirmando este, que por conta do “*Evangelho da Graça*,” a lei moral tinha de ser colocada em desuso, e desonerada, pois a partir daí somente a fé seria suficiente para a salvação.

A situação nesse período de controvérsias tomou rumos alarmantes, a ponto de chegar ao cume de proibirem John Wesley. Os seus desdobramentos significaram a divisão da Sociedade Fetter Lane. Em torno de 60 pessoas seguiram-no para a recém formada Sociedade da Fundação em 1739.

2.4.2 Controvérsias com os Calvinistas

Não demorou muito tempo para que eclodissem no cenário inglês as diferenças entre John Wesley e George Whitefield. Isto aconteceu no ano de 1741, e John se isentou publicamente de qualquer responsabilidade sobre o posicionamento teológico de Whitefield. Os pontos de divergência são: a “*Doutrina da Predestinação*” e a “*Doutrina da Justiça imputada*”

A doutrina da predestinação, provinda de Calvino, que George aceitava e divulgava, cria no lema “*uma vez salvo, sempre salvo*”. Defendia que uma pessoa, verdadeiramente salva por Deus, permaneceria na fé até à sua morte, não existindo a questão de “*recaída*”, ou “*desvio da fé*”, ou “*afastamento*”, ou “*esfriamento*” entre os verdadeiros crentes. Sobre a “*Justiça Imputada*”, seu entendimento era que a “*Justiça de Cristo*” é atribuída ao homem para ser salvo, e esta é a única justiça, a que foi proporcionada por Deus; não havia nenhuma outra.

2.4.3 Defesa teológica de John Wesley sobre a Justificação

“*Justificação*” na concepção wesleyana é um sinônimo de “*perdão*”. Em síntese, significa que o homem está remido de todos os seus pecados, e também que passa a ser aceito por Deus. Trata-se de purificar o homem de seus pecados passados, de ser perdoado da culpa daqueles pecados e da absolvição da culpa advinda da lei. Esta justificação proporciona, de forma instantânea, uma nova configuração de relacionamento com Deus. Através da reconciliação com Deus, por meio de Jesus Cristo, o homem alcança paz e a promessa de ser salvo; e esta promessa traz alegria. Para que esta justificação aconteça é necessária somente a fé, no entendimento de John Wesley.

Há, no entanto, uma diferença crucial entre John Wesley e Lutero sobre o assunto “*Justificação*”. Para John a justificação comunica o que Deus operou no homem, o que acontece de forma “*extra*”, ou seja, fora do homem, trazendo um cunho objetivo. Este clérigo estava convencido que a atividade de Deus em Cristo não parava neste ponto. A partir daí, acontecia um extenso processo de santificação. Este processo é contínuo, de caráter subjetivo, e é de forma “*intra*”, ou seja, acontece dentro do homem. O resultado de tal processo era de uma profunda e “*verdadeira mudança no crente, onde, pela graça de Deus, a justiça de Cristo seria concedida à pessoa, que não apenas seria tida como justa, mas se tornaria justa (santificada ou santa)*”. (HEITZENRATER, 2006 p. 107). Este pensar leva John Wesley a desenvolver a Doutrina da Perfeição Cristã.

Faz-se necessário salientar que, até experimentar a segurança em Aldersgate, John Wesley ensinara que a santificação antecedia a justificação. Ocorre, a partir daquele episódio, uma transformação no seu entendimento, e a definição de sua abordagem teológica passa a ser inversa. Justificação passa a ser então a “*justificação do ímpio*” aberta a qualquer pessoa. Para que tal evento aconteça no homem não há pré-condições, consistindo apenas em tomar posse desta justificação, pela fé. Não existe o dever da execução de boas obras para alcançá-la.

2.4.4 Defesa teológica de John Wesley contra a Doutrina da Predestinação

John Wesley passa a ter aversão à Predestinação de Calvino, que tinha como seguidor Whitefield, ainda estando em Oxford. Depois de ter sido ordenado, passa a discutir de forma crítica esta doutrina. Wesley era um homem com princípios morais bem fundamentados, dotado de superior força intelectual e de grande bagagem cultural. Não enxergava tal doutrina como um argumento de metafísica. Porém, ele percebia que a doutrina calvinista alcançava grande aceitação e avançava no meio do povo. Segundo a percepção de Wesley esta doutrina poderia tornar ainda mais difícil a pregação do Evangelho.

Wesley seguia as seções de Fé da Igreja Anglicana, fundamentada nos seus Trinta e Nove Artigos. Porém, divergia quanto ao Artigo XVII, onde está declarada a “*Predestinação à Vida*”, para os que Jesus Cristo escolheu em meio à humanidade. A sua objeção se dava em três perspectivas, que o faziam recusar veementemente esta doutrina:

- Se a eleição e a rejeição de Deus são os únicos fatores decisórios em questão da salvação ou condenação da alma humana, não há sentido gastar energias na pregação e em composições apelativas à fé. Pois, com certeza, uma parte seria salva e a outra estaria condenada, de qualquer forma.
- Para John Wesley, esta doutrina, que ele nomeou como doutrina da “*Dupla Predestinação*”, não favorece no meio do povo cristão o respeito necessário para atingir a “*santificação*”. Bem como, por conta deste entendimento, joga por terra aquilo que Jesus Cristo deixou por ordenança, a saber: “*O zelo pelas boas obras*”.

Da análise desta doutrina, depreendia-se o seguinte discernimento: A graça opera de forma irresistível. Então não há necessidade de um comportamento cristão; é como se o homem não houvesse recebido a graça. Outro aspecto

importante é sobre a mensagem cristã. A mensagem traz ao homem o seguinte entendimento: “*que pela fé todo homem será salvo*”. Isto produz segurança e conforto ao homem. No entanto, pela eleição não há esta segurança e nem mesmo o conforto ao coração do crente.

- Outro ponto importante é que esta doutrina distorce a imagem de Deus e invalida as Escrituras, contradizendo o texto da Primeira Epístola de Paulo a Timóteo, Capítulo 2: Versículos de 1-4, que demonstra que Deus quer que todos sejam salvos pela graça:

Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade. Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade.

Desse modo, na compreensão de Wesley a doutrina da predestinação destroi os princípios da “*Sola Fide*” e “*Solus Christus*”. Ela corrompe os seus valores e o seu poder, desfazendo o ato do sacrifício vicário de Jesus Cristo como “*Uma ação de Reconciliação do homem com Deus*”. Além disso passa a ser um meio insuficiente para a “*execução do decreto decisório de Deus em favor dos eleitos*. É justamente a cruz de Cristo que atesta para Wesley a verdade fundamental: *The grace of God (...)* *is free in all and free for all* (A graça de Deus, é livre em todos e para todos)”. (KLAIBER, 2006, p.238).

A defesa da verdadeira predestinação em John Wesley é permeada pela fé. Aquele que crê na mensagem do Evangelho, pela fé, é salvo do mal do pecado e de toda a culpa. É necessário que o homem tenha atitude de perseverança nesta crença, até o fim. E esta perseverança o levará a ser salvo pela graça de Deus.

Aqueles que acolhem o que John Wesley chama de “*Dom da fé,*” passam ao estágio de filhos de Deus. E, na condição de filhos, recebem o Espírito Santo, que transforma os homens, santificando-os e qualificando-os a trilharem o caminho que Cristo trilhou.

2.4.5 Controvérsias com sua própria Doutrina da Perfeição Cristã

Enquanto John Wesley atacava a Doutrina Calvinista da Predestinação, combatendo-a veementemente com a publicação de seus livros, nos seus sermões e nos púlpitos era ele contra-atacado por grupos a respeito da doutrina da “*Perfeição Cristã*”. Por conta destas disputas teológicas, que se tornaram uma guerra de panfletos em Londres, tanto John Wesley quanto George Whitefield foram chamados, várias vezes, para dar explicações ao bispo de Londres, Edmund Gibson.

Por ter nomeado sua doutrina de “*Perfeição*”, John Wesley encontrou objeções por todos os lados, tanto por parte de seus companheiros clérigos da Igreja Anglicana quanto por parte de Whitefield. Enquanto John Wesley afirmava que um cristão pode ser tão perfeito a ponto de não pecar, seu colega Whitefield o contestava, pois não cria que o pecado íntimo poderia ser banido em um homem sujeito a corrupção.

Por entender como as ideias de John Wesley eram simples, o Bispo Edmund Gibson manda-o publicar um livreto no qual expõe a todos o significado da sua doutrina da “*Perfeição*”. Assim, Wesley o fez em sermão, chamado de Perfeição Cristã, onde ele elucidava os principais pontos e significado desta doutrina.

2.4.6 Combate ao Deísmo por John Wesley

O movimento deísta decorre de uma posição filosófica da corrente naturalista. Sua crença é que Deus existe e também que é possuidor de uma natureza. O deísta contempla o Universo, em sua estrutura tão complexa e admite que exista um Deus Criador ou Organizador do Universo. Entendem que este Deus não interfere na vida humana e muito menos nas leis deste universo, que não carecem de sua intervenção. Para esta corrente filosófica o presente que Deus concedeu à humanidade é “*a capacidade do raciocínio*”. Por procurar entender Deus através da razão, os deístas não creem em “*religiões teístas*”, nem em dogmas, revelação ou tradição. Trocam a fé pela lógica humana. Rejeitam milagres e profecias, entendendo-as como invenção de outros seres humanos.

São ideias nascidas a partir do movimento iluminista do século XVII, que no século XVIII teve seus seguidores. Dois deles foram John Locke e Voltaire. John Wesley combate as ideias deístas pelo fato de estas considerarem que somente a razão dá acesso a Deus. Seu argumento é o de que o homem se relaciona com Deus. De maneira diferente desta corrente que entende o homem como possuidor da razão que o promove a Deus, Wesley defende, na linha da tradição dos padres orientais, um posicionamento puramente relacional. O homem recebe o que é a essência de Deus: “*o Seu amor*”; e por ser o receptor, ele é um reflexo desse amor de Deus para com as outras criaturas. Portanto, os homens podem chegar a Deus pela intuição atrativa do testemunho vivencial. Wesley afirma que o fenômeno espiritual tem uma realidade própria que nem os cientistas podem negar.

2.4.7 Disputa teológica entre John Wesley e John Smith

Entre 1745 e 1748, John Wesley trava mais uma disputa teológica. Desta vez, porém, usando cartas como meio de comunicação. Estas cartas não eram abertas ao público. Tudo ocorreu de forma íntima e pessoal. Seu adversário era, agora, um clérigo que se apresenta como John Smith, sendo este, seu pseudônimo.

Pode se dar a este clérigo o atributo de ser um rival sem igual na lógica e na teologia. Smith contestava vários pontos teológicos de John Wesley. Principalmente os apelos escritos por este, defendendo que suas ideias teológicas, ensinadas aos metodistas, estavam de acordo com as “*Sagradas Escrituras*” e também com a Igreja da Inglaterra.

Muitos dos assuntos debatidos eram sobre as doutrinas enfatizadas por John Wesley, mas os pontos de maior divergência eram a “*compreensão de John Wesley sobre fé*” e a sua tentativa de exaltar e priorizar a doutrina da segurança. John Smith também questiona a questão da “*Doutrina da Perfeição*”.

John Wesley desejava sempre o melhor. O melhor para qualquer homem é saber da companhia de Deus na trajetória da vida, é o “*Deus conosco*”. É poder compartilhar de sua companhia, através da fé na pessoa do Senhor Jesus. Ele foi fiel àquilo que Deus lhe proporcionou desde a infância, que foi o aprendizado do caminho para o reino, e divulgou isso de todas as formas possíveis durante aquele período de Reavivamento. Este movimento foi praticado para alcançar conversão e floresceu tendo a salvação como tema central da fé cristã.

2.5 A EXPANSÃO DO MOVIMENTO METODISTA APÓS 1746

Pode parecer que a grande maioria da Inglaterra era simpatizante do movimento metodista, porém isso não é verdade. Mesmo que a doutrina wesleyana se autodenominasse ortodoxa, havia divergência de pensamentos naquele tempo, e alguns entendiam aquele movimento como seita, outros, como fanatismo.

Porém, a metamorfose do movimento o levava para longe das correntes de conformidade, delimitadas pelo Ato de Tolerância promulgado em 1689, por possuir uma identidade eclesial diferenciada perante os modelos que estavam em voga na época.

Para combater os falsos apontamentos dentro da teologia que estava em intenso processo de amadurecimento, John Wesley, mesmo com tantos afazeres, escrevia em média 12 livros por ano. Outro objetivo era levantar fundos para que continuasse de vento em popa a ajuda aos carentes, enfermos e miseráveis da época, que frequentavam as Sociedades. Os recursos que asseguraram a continuidade deste trabalho wesleyano foram provenientes da venda da literatura, de donativos dos ouvintes que se sensibilizavam nas pregações, das doações solicitadas à sociedade, aos Bands e às Classes. Aquele trabalho tinha um cunho holístico. Outras literaturas eram direcionadas aos desvalidos e às classes estigmatizadas da época. Foram também desenvolvidas literaturas devocionais.

Os desafios continuavam, enquanto aquele clérigo britânico desenvolvia sua teologia. Havia necessidade de prescrever princípios efetivos, porém, em muitos casos, ele ainda não os tinha em total definição.

Por ainda manter as pregações ao ar livre e ter pregadores leigos no seu ministério, também sofreu com o preconceito de alguns clérigos da Igreja Anglicana.

Outros problemas, enfrentados naquele período, eram os ataques, que passaram, em muitos casos, a serem físicos, além dos verbais. John Wesley descrevia isto em seu jornal, enfatizando o cuidado de Deus pela sua vida perante as agressividades sofridas.

Em 1749, os pensamentos de John Wesley estavam focados em delinear o caminho da salvação, a saber, sua *“Ordo Salutis”*, que se iniciava com a *“graça preveniente, convicção do pecado, arrependimento, justificação, segurança, regeneração, santificação, perfeição cristã e salvação final”*. (HEITZENRATER, 2006, pg. 178).

O ministério leigo obteve um maior cuidado de Wesley, pois tendia a enfatizar mais sobre testemunhos do que as doutrinas, o que o levou a estabelecer que seus pregadores estudassem por volta de cinco horas diárias para desenvolver um acurado discernimento doutrinário. Esta estrutura é vista como algo crucial no desenvolvimento do Metodismo, ao contrário de outros avivamentos periódicos que tiveram sucesso no início, mas não obtiveram qualquer colheita a longo prazo.

Resultados decorrentes daquela grande rede de pregadores leigos, que viajavam de cidade em cidade pregando nas sociedades que ali se situavam e assegurando o cumprimento do plano e da visão evangelística de John Wesley.

Mesmo assim, não se pode ignorar a importante função querigmática atribuída aos testemunhos leigos. Uma experiência relatada por um leigo, na posição de igual com o ouvinte, absorve e é mais impetuosa do que de um sacerdote. Não é a palavra humana que convence, e sim quando esta palavra é portadora da palavra de Deus, introduzindo na consciência a vontade de Deus para o homem, despertando seus sentidos espirituais.

John Wesley estava atento ao perigo desta pregação leiga, que, pela escassez de conhecimento bíblico e teológico, poderia desencadear em ensinamentos controversos e também para o esoterismo. Por isso, ele cuidava para que os metodistas tivessem uma percepção clara do conteúdo das Sagradas Escrituras, orientando-os a evitar análises feitas através de passagens isoladas, ou seja, o “texto fora do contexto”. Tudo deveria ser considerado na base no “bom senso”, evitando, com isto, radicalidades (RUNYON, 2002).

Por conta de tantas perseguições externas ao movimento, e ainda, por acontecer contendas dentro do movimento, houve um período confuso, a partir de 1750, levando a crer que ele se dissiparia. Acontecia muito proselitismo, divergências por conta dos pregadores leigos, e, concomitantemente, algumas heresias proferidas por um pequeno numero deles, como por exemplo a data do fim do mundo. Também a falta de apoio da Igreja Anglicana ao movimento, dificuldade da ministração dos sacramentos, e correntes separatistas da Igreja da Inglaterra, dentro do movimento.

Devido a todos esses abalos, houve um estremecimento de todo o conjunto, que voltou a se solidificar e a defender suas doutrinas. O que se pôde evidenciar naquele tempo de reveses, foi um trabalho teológico primoroso de John Wesley e de defesa de suas doutrinas, com maestria, no terreno literário. Seus sermões foram evidenciando sua maturidade e toda experiência advinda ao longo destes 29 anos lidando com pessoas e com toda a instabilidade e stress que estes relacionamentos proporcionaram, nessas quase três décadas. Pode-se perceber, também, que ele teve seus momentos de dúvidas de sua própria fé, mas não se deixou abater por

elas e continuou a priorizar o seu trabalho de levar a mensagem da graça a todos os quais tivesse oportunidade.

Um elemento chave na noção que John Wesley tem da experiência Cristã é a sua doutrina do testemunho do Espírito, também conhecida como a doutrina da segurança. À semelhança do que se deu com suas outras doutrinas, também a doutrina da segurança evoluiu com o tempo. Na sua fase jovem - pré-Aldersgate - John Wesley ligou a segurança à fé. Mas nessa altura, fé para John Wesley constituía uma aceitação racional das postulações básicas da tradição Cristã, particularmente a Anglicana.

Depois de todo este tempo, até o ano de 1763, John Wesley enfrenta vários problemas de cunho teológico. O mais acirrado deles e também o que ele mais defendia, foi sobre a “Doutrina da Perfeição Cristã”. Naquele momento, depois de 25 anos de Reavivamento, ele se preocupa em estabelecer os padrões de conformidade doutrinaria dentro da Conexão Metodista. “Os Wesleys haviam tentado estimular a uniformidade doutrinaria mediante contato pessoal com os caluniadores, argumentação pública com críticos, discussões nas Conferências anuais, e exame anual de pregadores”. (HEITZENRATER, 2006, pg. 211).

A ação passa a ser enérgica dentro das sociedades lideradas por John Wesley e ele começa a excluir aqueles que pregam doutrinas divergentes à sua concepção teológica. Restringe também, no trabalho dos pregadores leigos, a leitura do Livro das Homilias, levando-os a se absterem de fazer a análise do texto e também de omitir qualquer aspecto desta literatura. Apenas os clérigos ordenados podiam elaborar seus sermões. Isto protegeria os metodistas de doutrinas não ortodoxas.

John é um homem fiel ao seu trabalho, que começa esta etapa de vida buscando o melhor método, muito mais do que aplausos e comoção perante aqueles aos quais ele dirigia a “Palavra da Salvação em Jesus Cristo”. Era compenetrado, muitas vezes abandonado pelos próprios irmãos de sangue na sua defesa teológica, mas preocupado em fazer crescer espiritualmente, bem como culturalmente, seus “filhos na fé”, ou seja, os pregadores leigos.

John Wesley, aos poucos, vai descobrindo um novo caminho, continuando a compor sua “Via Salutis”. Pretendia se isentar do totalitarismo atribuído pelos morávios e tinha constante preocupação em não compartilhar da crença calvinista da Eleição da Graça, negando também o antinomianismo de cunho antibíblico. Pois estes prejulgavam não existir mais leis morais de Deus. Entendiam que o sacrifício de Jesus Cristo havia cumprido a lei, por isto os cristãos não são mais obrigados a observarem e andarem dentro da lei moral do Antigo Testamento.

Observa-se neste homem um trabalho árduo e diário em levar o Evangelho de Jesus Cristo ao povo da Inglaterra e de alguns países adjacentes, como a Escócia e o País de Gales. John Wesley escreveu mais de 44.000 sermões e foi tido por cavaleiro andante, passando muitas vezes frio e fome. Sofria perseguições, agressões físicas e emocionais, mas perseverava em seguir o caminho da pregação. Seu chamado, que para alguns historiadores é tido como Apostólico e para outros Reavivalista, era também considerado como missionário ou evangelista. Mas no seu íntimo ele se sentia como um servo fiel a Deus, que ensinou a “essência da verdadeira religião”, que é o amor. Amor a Deus e amor ao próximo. Não somente pregou, mas também deu o exemplo necessário para aquela geração. Ensinava um Evangelho Social, baseado no amor de Jesus Cristo pelo mundo, que entregou sua vida pelos homens. “Ser cristão não consiste numa existência restrita à esfera privada, mas enlaça o que há de mais pessoal e mais íntimo com o que é comunitário, social e global”. (KLAIBER, 2006, p.338).

John Wesley entendia o melhor. O melhor para qualquer homem é saber da companhia de Deus na trajetória da vida, é o “Deus conosco”. É poder compartilhar de sua companhia, através da fé na pessoa do Senhor Jesus. Ele foi fiel àquilo que Deus lhe proporcionou desde a infância, que foi o aprendizado do caminho para o reino, e divulgou isto de todas as formas possíveis durante aquele período de Reavivamento. Este movimento foi praticado para alcançar conversão e floresceu tendo a salvação como tema central da fé cristã.

3 A MATURIDADE TEOLÓGICA NOS SERMÕES

John Wesley na etapa da maturidade humana e intelectual, a partir dos 65 anos, continua a escrever seus sermões e conjuntamente publica a “Breve História” do povo, que esteve sob seus cuidados até então: “O Povo Metodista”. Dentro dessa história o enfoque também era demonstrar o empenho de líder em seguir a santidade e ensinar que outros também o fizessem. Os escritos dessa etapa provinham de um homem experiente e provado pelos desafios da vida. A pregação, nessa etapa, como se demonstra nos sermões selecionados acima, manifesta a preocupação em delinear aos fiéis o caminho da salvação, nela se vendo de forma mais acurada um enfoque sobre a salvação pela fé. Dando ênfase na doutrina da graça que desenvolvera em todas as etapas já delineadas: “Graça Preveniente, Convincente, que traz também o presente de ser justificadora e santificadora”, porém continua a pregar também de forma enfática a necessidade de realização de boas obras.

O trabalho teológico de Wesley tinha como objetivo mostrar as etapas da obra de Deus no homem desde o primeiro trabalho da “Graça Preveniente” até o total encontro, por parte do ser humano, da graça que santifica. O trabalho da graça que age de maneira antecipada e aborda o homem no intuito de levá-lo a entender a sua condição de pecador levando-o a ter frutos de arrependimento. É necessário possuir “fé” para receber o perdão, ou seja, alcançar a “justificação” efetuada por Jesus Cristo na cruz. A partir daí inicia a santificação, que é obra da terceira pessoa da trindade. O “Espírito Santo” que habita no coração do homem trabalha para torná-lo justo e santo. Assim, pode-se dizer que a graça continua a operar na vida conduzindo o homem a alcançar a “Santificação Total”. É disto que trata a doutrina desenvolvida por John Wesley da “Perfeição Cristã” ou também chamada doutrina do “Amor Perfeito”. O amor de Deus que enche a alma de tal maneira até que nesta alma não se encontre mais espaço para o pecado. Percebem-se ainda neste momento os traços do rapaz que meditava com seu grupo de amigos em Oxford, que aspiravam à perfeição em amor e que meditavam de forma continua sobre isto em suas reuniões de outrora. Porém toda esta Via Salutis sofreu alguns ajustes nos detalhes durante esta longa jornada. Já nesta etapa que caminhava para a parte

conclusa de sua teologia, era necessária a organização e sua preocupação estava em abordar pontos controversos que surgiram durante sua caminhada espiritual.

Wesley se posiciona diante da questão das boas obras, procurando saber se elas são ou não necessárias para o processo de justificação. John Wesley se reporta à ala calvinista do metodismo e afirma que mesmo as boas obras não sendo necessárias para a justificação em si, mesmo assim a postura de um cristão deve ser de “zelo pelas boas obras tanto na misericórdia quanto na piedade”. Para ele o arrependimento é de suma importância antes da justificação e também depois dela e, por isso, afirma categoricamente que não existe o fato de que uma vez salvo, salvo para sempre, sendo esse o ponto principal da controvérsia instaurada durante todo o processo de reavivamento em que acreditava. Todo o crente deve depender durante toda a sua vida da “Graça do Senhor”. Quanto à questão do pecado, o homem pode ser liberto de forma imediata ou ao longo do caminho da sua vida, mas ao cristão cabe almejar esta graça diuturnamente.

No aspecto administrativo Wesley continuava a manter um controle rígido principalmente sobre os pregadores leigos. A estes não era lícita nenhuma publicação sem a sua autorização. Caso algum incidisse em transgredir, a penalidade firmada era de ser excluído da Conexão. Seus cuidados iam de exortar aos que falavam muito e liam pouco que mudassem seus hábitos estando determinado em cobrá-los mais leitura, e àqueles que não demonstravam gosto para tal, teria de alinhar-se ao seu pedido, ou então deveriam deixar a pregação e voltar as suas antigas atribuições. Da mesma maneira ele intervém com forte apelo aos pregadores para trabalharem com mais energia, sendo firmes em manter fidelidade à obra do Senhor. Seu controle se dava através de suas constantes viagens e por vasta correspondência.

O zelo pelas crianças da mesma forma se tornava cada vez intenso e se tornava primordial no ministério wesleyano. Outro ponto de atenção de seus ensinamentos era sobre a ordem e limpeza em cada lar dos metodistas, para que a saúde prosperasse. A decência era outra temática extremamente pregada por John Wesley.

Pode-se observar em John Wesley um processo de maturidade teológica. Desde os princípios em Oxford o alvo do movimento metodista era “reformular a Igreja por dentro, trazendo avivamento e restaurar a santidade bíblica, e para isto, ele se focava no formato da Igreja Primitiva relatada em Atos dos Apóstolos”. Porém, na sua idade madura, compreende que para alcançar tal intento, não é necessário que o povo saiba a teologia e a doutrina, mas tenha a consciência da fé e graça de Cristo. Em 1767, Wesley já entendia e afirmava que para que uma pessoa alcançasse a salvação não havia necessidade de clareza sobre a justiça imputada ou da justificação pela fé. Por conta disto ele ensina aos seus pregadores a abandonarem as expressões vultosas e retumbantes e se apegassem aos simples ensinamentos conduzindo o povo ao temor de Deus e a realizarem atos de justiça que agradem a Deus.

Na Conferência de 1767 nota-se que a preocupação de John Wesley era com os pregadores itinerantes que percorriam a Conexão a se voltarem somente ao trabalho de pregação e não assumirem outros trabalhos para aumentar a renda. Muitos passaram da pregação itinerante e se tornaram pregadores locais.

Para John Wesley os metodistas tinham a forma da piedade e deveriam constantemente almejar o poder que advém da piedade. Deveriam manter no âmago do movimento metodista a busca da reforma da Inglaterra no sentido espiritual e o compromisso de propagarem à santidade bíblica por todo o mundo. As preocupações de John Wesley era o de revitalizar o ministério da pregação e combater o Calvinismo e o Antinomianismo.

A ênfase ministerial de Wesley sempre foi “Santidade”, um passo a mais do que a teologia de Lutero e Calvino que veio abrilhantar a carreira deste clérigo, que mudou a história da sua nação. John Wesley falece em 1791 e nos últimos anos de sua vida, dava graças todos os dias e também nos seus sermões por Deus ter alongado os seus dias com vigor. Muitos foram os problemas enfrentados por John Wesley nesta ultima etapa de vida. Sua autoridade foi confrontada e dentro do povo metodista alguns pregadores se insurgiram. Outro incidente foi a separação das Sociedades Metodistas da Igreja da Inglaterra na América. Este homem lutou em toda a sua vida para propagar as “Boas Novas” do Senhor, não medindo esforços para que isto acontecesse também na unidade.

A seguir será realizada a análise de um dos seus sermões para vislumbrar as doutrinas ensinadas de forma homilética.

3.1 ANÁLISE DO SERMÃO 85: PODEMOS OPERAR NOSSA PRÓPRIA SALVAÇÃO?¹

O sermão 85 foi construído em cima do texto da Carta de São Paulo aos Filipenses 2: 12-13:

De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim, também, operai a vossa salvação com temor e tremor: porque Deus é o que opera em vós, tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.

O prólogo deste sermão explica a condição do mundo pagão em relação a Deus: a somatória dos homens no mundo antigo (pagãos e ateus) eram indouta sobre a propiciação que Deus deu aos homens através de Jesus Cristo, mas mesmo assim – considera – cada ser humano que constitui a população terrestre tem a seu alcance uma medida deste conhecimento. Também afirma que a consciência tem seu papel ao trabalhar para dar testemunho dos atos, que são pesados e analisados em conformidade com as normas divinas. Uma nova época desponta onde agora milhares de milhares sabem a verdade e esta verdade é confirmada no Livro do Apóstolo São João Capítulo 3 versículo 16:

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

¹ Ver o Sermão na íntegra no ANEXO A deste trabalho.

A explanação caminha então para a Carta de São Paulo aos Filipenses, capítulo 2 versículos de 5 a 11.

“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra.

O apelo do sermão é para que recebam a operação desta mente Cristã alcançando uma atitude servil, e obediente seguindo o exemplo de Jesus Cristo que assim foi até a morte no Gólgota. Sua proposta sermônica é que os cristãos “trabalhem desenvolvendo a própria salvação crescendo na graça”. Em sua argumentação o esmiúça em três partes:

- *“É Deus que opera em nós, para a Sua vontade e próprio prazer”*
- *“Operar a nossa própria salvação com temor e tremor”*
- Fazendo uma ligação entre a primeira e a segunda parte: *“É Deus que opera em você”,* entretanto, *“opere a sua própria salvação”.*

No seu trabalho exegético John Wesley dá a Deus o lugar prioritário.. Não há no homem resquício algum de qualquer mérito. Deus por sua graça trabalha e usa de misericórdia sem merecimento algum do homem. Neste sermão John Wesley está exprimindo o princípio da *“co-inerência”* que abarca o homem e Deus. Esta expressão e entendimento provêm dos padres do oriente entendida como a manobra simultânea ou sinergia (sunergia) do humano com o divino. A síntese desta ideia e o entendimento de que para que a produção humana seja boa é necessária a

ação aliada de Deus e do coprodutor “O *Espírito Santo*” nas obras. O trabalho se constitui em conversão, justificação, renovação e santificação. (RUNYON, 2002).

Este sermão foi escolhido não aleatoriamente. Neste sermão John Wesley “deu uma das descrições mais completas e maduras sobre a via *Salutis*, o resultado de pelo menos quarenta anos de reflexão.” (HEITZENRATER, 2006 p. 295). Seu trabalho teológico adentra a explicar a Doutrina da Graça preveniente, justificante e santificante que atua no homem. Com enfoque no processo de santificação que é um diferencial na teologia Wesleyana: Santificação leva o homem à maturidade espiritual em Cristo.

John Wesley explica que a expressão “*Temor e Tremor*” não deve ser entendida literalmente. Para exemplificar como devem ser entendidos o “*Temor*” e “*Tremor*”, explica que a ação deve ser feita, primeiro, com “*singeleza do coração*”, cercada de cuidado e atenção e, segundo, que seja efetuada com dedicação, celeridade, pontualidade e precisão.

John Wesley explicita os passos a serem dados para operar-se a própria salvação, usando, para isso, o texto de Isaias que orienta os servos de Deus a deixarem de fazer o mal e aprenderem a fazer o bem. Essa ação leva Deus a operar e derramar fé, a parcela de fé que é o meio pelo qual Deus opera na salvação, passando pelos caminhos da Graça já citados acima. A ação deve ser enérgica e atuante na fuga do pecado e o aprendizado de efetuar o bem deve ser diligente, abrangendo as obras de devoção e também as obras de misericórdia. Aqui ele coloca os meios da graça. Tanto os meios da graça divina propriamente ditos quanto os meios da graça aconselhados. (KLAIBER, 2006).

É comum nos sermões de John Wesley refutar os argumentos que se desenvolvem na mente humana e também na sociedade. Sua teologia é bem prática e reporta ao contexto de vida onde o ser humano está inserido. Em toda sua teologia e este sermão não foi exceção John Wesley aconselha a “*tomada da cruz própria*”, destacando:

[...] a experiência pessoal de salvação e santificação. Esta ênfase não elimina a dinâmica que existe entre comunidade e indivíduo no que se

refere ao dom salvífico. Nesse sentido, “viver em uma comunidade cristã e com responsabilidade social é algo indissolúvel da experiência pessoal da salvação.”(RIBEIRO et. al., 2007 p.46).

Fazendo a descrição de sua doutrina da Graça, seu anúncio teológico traz um diferencial tratando-se de uma “Graça Responsável”.

Na trajetória de Wesley, a graça de Deus demanda *uma resposta participante e participativa*. [...] a teologia da graça, na concepção *inclusiva e abarcante* de Wesley, devolve ao crente sua responsabilidade, *não seu protagonismo*, pois a *salvação é um dom* da graça de Deus, mas o crente é *responsivo e responsável*. (RIBEIRO et. al., 2008 p. 35).

É dever do homem operar em si mesmo a sua salvação. Trabalhar junto com Deus. Aqui John Wesley dá segmento ao argumento de Santo Agostinho que declara: *“Ele que nos fez, sem nós mesmos, não irá nos salvar, sem nós mesmos”*.

Ao homem, diz Wesley, cabe salvar-se da geração adversa, fazendo como o Apóstolo Paulo fez lutando o *“bom combate da fé”* para o alcance da vida eterna, negando-se e tomando a sua cruz que foi o conselho do salvador Jesus usando de todos os meios possíveis para adentrar os portões celestiais. Neste ponto se vê que John Wesley combatia claramente a Doutrina Calvinista da Predestinação. Trabalhar para aquilo que realmente tem valor, acumulando tesouros no céu. Entendendo que o Pai opera e se Ele opera é trabalho nosso operar conjuntamente com o Pai. Seguindo no executar a virtude, usando a fé, tendo paciência e esperança e amor. Uma decisão firme que deve acompanhá-lo por toda a vida, sem alterações e realizando boas obras. O Senhor o santifica e o aperfeiçoa para ser seu instrumento e efetuar aquilo que O agrada.

É necessário destacar uma importante diferenciação, entre o John Wesley pregador de púlpito e o John Wesley que escrevia sermões. A oratória do pregador era simples e fácil com gestos amenos com muita transparência repassava seus ensinamentos ao povo procurando adaptar-se à sua capacidade e neste íterim seus sermões eram improvisados, devido a sua rotina de pregação por mais de

cinquenta anos de ministério ser em média 15 pregações semanais. Para pregar em púlpito ele tirava os textos da liturgia Anglicana, e usava o seu tempo de viagem a cavalo para leituras complementares. Quanto ao alimento espiritual para tal, John Wesley passava as primeiras horas do dia em consagração e meditação na Palavra. Além disso, possuía também uma grande bagagem teológica, quanto vastos conhecimentos em outras áreas da ciência e como já foi dito em várias línguas, pois estudou a Bíblia em seus originais. Todo este conhecimento e meditação lhe davam um amplo leque de opções para exercer o cargo de pregador. Já era habito na Inglaterra que houvesse leitura de sermões perante o culto. Então se entende que essa forma de pregar inovadora com talento de oratória que John Wesley possuía no século XVIII foi vista como uma grande inovação. Quando se refere a escrever sermões a prática de John Wesley é diferente.

“Esses, geralmente, são estudos sobre assuntos de doutrina ou de moral, destinados, com raras exceções, a ser mais lidos que pregados” (SNYDER et al., 2012, p.350).

Seu alicerce de pregação era as Alvissaras da Graça proporcionada por Deus aos homens pecadores e argumentava a importância de **se** arrependerem mediante a fé em Cristo Jesus.

O caminhar cristão é um sinergismo possível criado pela graça. Wesley recusa toda a compreensão da graça que não se faça caminho. Recusa todo caminho que não seja uma possibilidade da graça. (RIBEIRO et. al., 2008 p. 39). John Wesley também em seus sermões defendia uma posição teológica que visava essencialmente o ser humano, fazendo, nesse sentido, recomendações sobre aspectos da moralidade cristã.

[...] A teologia wesleyana, portanto, ao articular graça e disciplina, sem eliminar ou desvalorizar esses dois polos, situa-se contra as posições de antinomianismo e de legalismo, quer seja nas expressões de caráter mais pessoal ou mais social da santidade cristã. (RIBEIRO et. al., 2007, p. 460).

A argumentação de John Wesley possui três pontos-chaves em torno de sua “Doutrina da Graça”, articulando sua pregação com uma lógica na exposição de ideias voltadas para defender as demais doutrinas adotadas no Movimento Metodista. A primeira se trata da revelação de Deus em sua criação, ou seja, um conhecimento extra escriturário de Deus. Já em seus estudos de “Filosofia Natural” John Wesley havia afirmado que “cada parcela da natureza aponta para o Deus da natureza”. (apud KLAIBER, 2006, p.19).

A afirmação de que Deus é conhecido fora do âmbito bíblico e de sua mensagem cristológica apenas na observação das coisas criadas encontra-se na teologia metodista. Esta afirmativa wesleyana demonstra com clareza sua proveniência de sua herança anglicana, que por sua vez é vinda da teologia da Igreja Católica, conjuntamente aos seus estudos teológicos de São Tomás de Aquino, que já declarava isso desde o século XII.

O segundo ponto teológico que sobressai é a afirmação de que Deus está mostrando ao homem, e aqui ele não está citando o homem que é seguidor e discípulo de Jesus Cristo, mas sim todos os homens que estão vivendo na terra. Descobre-se uma cosmovisão wesleyana de apreciação do mundo, fazendo assim sua teologia distinguir e destacar-se por ser ampla e profunda. Observar aqui, o enfoque na ação preveniente da Graça de Deus que foi fortemente difundida por John Wesley que expressa dois tópicos teológicos de suma importância:

Compreende a ação do Espírito Santo na moldura da graça preveniente a qual tem por escopo certo a mensagem do Evangelho. Assim os cristãos sabem que o Espírito de Deus está em ação na natureza, na história e nas observâncias religiosas dos homens. A natureza e a ação de Deus visam estabelecer comunhão e participação, pois Deus é amor. Criar esta comunhão, vinda de Deus e orientada para ele, é, precisamente, obra do Espírito.” (KLAIBER, 2006, p.178).

A Doutrina da Graça Preveniente também foi utilizada para combater o Calvinismo e a “Graça Irresistível” que advém dele. John Wesley abraçou de forma

veemente a doutrina de Jacobus Arminius. O contra argumento de John Wesley na ação da Graça Preveniente é que esta graça não é irresistível. Deus dá ao homem o livre arbítrio de aceitar ou rejeitar a graça. Este despertar teológico de John Wesley evidencia que o homem precisa responder ao chamado de Deus em Graça e ainda cooperar na sua própria salvação, tornando-se assim a “Graça Responsável”. O termo ideal para esta atitude responsável do homem ao chamado à Graça de Deus é “sinergia”, não no sentido de “parceria igual” entre Deus e o ser humano, mas se trata de “cooperação com Deus”.

Para Wesley este aspecto sinérgico está enraizado em duas realidades: a soberania do amor divino e a imagem de Deus presente em todo ser humano. O poderoso amor de Deus providencia a energia, o impulso deste sinergismo evangélico e a realidade da imagem de Deus fornece a capacidade humana para cooperar com a graça. (SNYDER et al. ,2012,p.49).

O terceiro ponto teológico marcante é sobre a consciência. Nesta mesma época John Wesley escreveu um sermão detalhado explicando seu entendimento teológico sobre a consciência. Para ele a consciência trata-se de uma faculdade que atua de forma imediata dando ao homem o conhecimento dos próprios pensamentos, palavras e ações. A função da consciência é discernir se este conjunto: pensamento, palavras e ações são bons ou não, se merecem aprovação ou não. Afirma que “todo” homem possui “consciência” e sua atuação inicia-se no limiar da idade racional, então o homem passa a conhecer o “bem” e o “mal”. Mas a sua compreensão sobre consciência não se limita apenas a isto. John Wesley diferentemente dos autores de sua época que falavam da “consciência natural” afirma que a consciência é “o dom supernatural de Deus”.

Para John Wesley a consciência tem triplo ofício: 1) Testemunhar; 2) Julgar, 3) Executar a sentença. “O que é consciência pelos olhos de Jesus Cristo”, para John Wesley a consciência no sentido cristão é uma faculdade da alma que é fornecida ao homem pela misericórdia e graça do bom Deus que assiste o homem durante a sua vida. Todo esse trabalho somente é possível pela assistência do Espírito Santo – é Ele quem traz clareza e discernimento na vida, a qual é

totalmente necessária em todos os ofícios da consciência. Sua afirmação é que não existe consciência de atos corretos ou errôneos sem considerar “Deus”. Não há consciência nenhuma sem Deus. Também faz reflexão sobre os diferentes tipos de consciência. Há a “Boa Consciência” que é aquela que procura fazer a vontade de Deus, de acordo com os ensinamentos da “Sagrada Escritura”. Consciência guiada pela contínua influência do “Santo Espírito de Deus”, com reflexos nas palavras e ações. O homem de consciência terna sente dentro de si um apelo constante para que sua alma se abstenha do mal e promova o bem. Existe também a consciência escrupulosa que tende a levar a pessoa a temer, fantasiar e se autocondenar sem que haja um motivo real e concreto. Outra consciência que John Wesley faz alusão é a “Endurecida” que não se importa em violar o mandamento do Senhor e o fervor pela Palavra.

O conselho de John Wesley sobre a “Consciência Universal” atuante na Graça é que se faz necessário diariamente um autoexame de ações e sentimentos com seriedade. Usando as noites para rever o comportamento e os sentimentos que permearam o dia, avaliando o que foi inconveniente para poder transformar. Também é necessário avaliar o coração para saber se ele caminha de acordo com o sentido religioso e está ou não indiferente com o mundo. Nessa perspectiva do horizonte da consciência é necessário que pela manhã o homem possa planejar o dia e a noite, rever e examinar as ações na recordação do que é a grande finalidade da vida.

Também se encontra neste sermão e na Teologia de John Wesley o Kenosis que é um termo usado pela Igreja Primitiva dos “Apóstolos” que tem seu fundamento no autoesvaziamento de Jesus Cristo. Seu intuito no sermão é ensinar aos leitores a sair do estilo de vida egocêntrico e se tornar uma pessoa generosa. John Wesley viveu no século XVIII e bem no início do capitalismo e da revolução industrial.” Pode-se afirmar, inclusive, que a revolução industrial e o Metodismo têm a mesma idade”. (RIBEIRO et al., 2005, p. 102). Sua mentalidade era a de que as pessoas tivessem apenas o que precisassem, o mais deveria ser doado aos pobres. Concentrava-se em argumentar com os ditos de Jesus Cristo que doou a própria vida em favor de muitos e ensinou que o melhor caminho é buscar o “Reino dos Céus”. O conjunto de

sermões de John Wesley são mais de 40.000, sendo e trinta por cento deles focados no sermão do Monte.

João Wesley em sua teologia homilética difere de duas ordens de cristãos. O primeiro cristão leva uma vida inocente, em conformidade com todas as coisas, sem pecado, realizando boas obras, abstendo-se dos males grosseiros, tendo uma consciência nula de ofensas e isto demonstrado no seu comportamento exterior, não almejando exatidão, sendo na maioria das coisas como seu próximo. Mas mesmo nesta época do crepúsculo de sua vida sua visão teológica enfoca um Caminho Excelente e discorre sobre o segundo cristão que trilha este caminho. É aquele que, zeloso em obras de todo tipo, se abstém de toda a aparência do mal, atende a todas as ordenanças de Deus, usa de diligência para obter a mente que estava em Cristo, trabalhando para caminhar em todos os pontos com seu amado mestre. Esta segunda forma de cristão passa pela trajetória da vida em abnegação total, se abstendo de todo o prazer que não está de acordo com Deus, sendo seus prazeres voltados para ter prazer em Deus. Assim, como Cristo orientou, tomando a cruz diária e o seguindo. Tudo isto feito com esforço, em agonia e constantemente, entendendo que precisa andar pela estreita vereda, a qual Jesus tinha orientado. Esta segunda classe tinha o objetivo de chegar ao ápice da Santidade Crista até atingir a Perfeição em amor que é a “Doutrina de John Wesley da Perfeição Cristã”. “Observa-se aqui que John Wesley passa do individualismo do começo à visão do caminho e prática e vital salvação”. (RIBEIRO et. al., 2005, p. 51)

No padrão wesleyano, a busca pela santificação não é uma busca solitária. É uma busca empreendida com companhia, com todo o sistema de encontros de classes metodistas, das sociedades, dos bands [...] é uma busca empreendida como auxílio dos “meios da graça”[...] fornecidos por Deus e por meio dos quais tanto aqueles que buscam quanto aqueles que creem têm acesso constante à graça divina. Santificação não é limitada à santidade dos indivíduos. É um processo no qual os fieis buscam santidade do mundo ao redor. (CAMPBELL, 2012, p.. 62).

Sua teologia tem um forte cunho de Pietismo por trabalhar temas como a santidade e a perfeição cristã desde que esboça o foco em “desejos pios” e na praticabilidade cristã. John Wesley cria um elo que une a mensagem do Evangelho

e a vida cotidiana – sua pregação possui as perguntas e aspirações da sociedade. (RIBEIRO et. al., 2008,).

3.2 *ORDUS SALUTIS* EM JOHN WESLEY

A *Ordus Salutis* (Ordem da Salvação) é a Ordem da Graça revelada por Deus para a salvação do ser humano através da fé. Seus elementos essenciais são: graça preveniente, graça convincente, arrependimento, justificação, segurança, regeneração, santificação, perfeição cristã.

3.2.1 Graça Preveniente

O amor de Deus se antecipa em favor do homem decaído. É esta a graça preveniente que traz libertação para ouvir a Palavra. O homem sem Deus para Wesley é o homem sem vida plena. A graça preveniente, a partir da teologia de Wesley, tem dupla função. A primeira delas é esclarecer que esta Graça, atua de forma antecipada a qualquer agir e esforço humano e em segundo lugar ela estabelece a primeira etapa da ação da graça na vida humana. Aqui se inicia o caminho da salvação. Esta é a ação da voz do Senhor que desperta a consciência do homem. Neste momento aparece no coração do homem o primeiro desejo de agradar ao Senhor. Deus atua de forma real no coração do homem por causa da gratuidade de seu amor. A primeira etapa da Graça trata-se da ação do Deus que criou o homem, o “Deus Criador”. Trata-se de uma ação libertadora.

3.2.2 Graça Convincente - Convicção do Pecado

A partir da ação da Graça Preveniente o homem passa a ter consciência de sua condição de criatura vulnerável e de sua dependência de Deus. Deus o cerca com sua palavra e revela a consequências do pecado.

A “Graça Convincente” trabalha também dois aspectos na vida do homem. Dá ao homem a abertura para reconhecer sua situação de pecador diante de Deus e enche a alma do ser humano do desejo de seguir Jesus Cristo permitindo-lhe trilhar os caminhos da redenção.

3.2.3 Arrependimento

O arrependimento é um dos passos no caminho da salvação, se constituindo em um ímpeto de comunhão com Deus. Aqui os homens que adentraram o caminho da salvação tem consciência profunda de seus pecados e já desejam ardentemente a salvação.

3.2.4 Justificação

A justificação para John Wesley era sinônimo de perdão, e neste caso perdão de todos os pecados e aqui o homem encontra um Deus que o aceita. A justificação traz perdão da culpa e absolvição da acusação que foi imputada pela lei. Ela é

efetuada por que Jesus morreu na cruz, e este ato foi recebido satisfazendo a justiça de Deus. O castigo que deveria ser expiado pelo homem foi cumprido em Cristo Jesus, abrindo espaço para a misericórdia do Senhor e onde ele justifica todo o que crê em Jesus Cristo. Aqui se trata da justificação do ímpio e a única condição para recebê-la é a fé. Ao homem não cabe efetuar boas obras antes disso para recebê-la.

3.2.5 Segurança

Trata-se de uma experiência única onde o Espírito de Deus testifica no espírito do homem que seus pecados foram perdoados. No final do seu ministério e já bem próximo de sua morte, John Wesley enfatizou que muitos poderiam não passar por esta experiência e que não deveriam ser molestados por conta disto. Afirmando que aqueles que não experimentassem tal testificação possuíam a fé de um servo e os que a experimentavam a fé de um filho.

3.2.6 Regeneração

Trata-se do novo nascimento. John Wesley propagava que quando o Espírito de Deus agia de modo a recriar todas as coisas proporcionava aos homens mudanças verdadeiras. Aqui aparece uma nova criação, trazendo o plano a este homem de ser o espelho de Deus para a humanidade. Esta mudança é efetuada na alma do homem e esta é renovada conforme a imagem de Deus. É importante salientar que para Wesley a regeneração e a justificação não podem se separar.

3.2.7 Santificação

É o ponto chave da Teologia Wesleyana: “A santificação é, portanto, a restauração da criatura decaída àquela existência em comunhão com o Criador e àquela vida como mordomo fiel, para qual a humanidade foi feita”. (RUNYON, 2002, p.109).

3.2.8 Perfeição Cristã ou plena santificação

Esta doutrina foi extremamente defendida por John Wesley e foi alvo de muitos ataques. Esta perfeição cristã pode acontecer de duas formas: imediatamente ou pelo processo de santificação gradual. O que acontece é que o amor de Deus enche o homem de forma completa e este homem tem a certeza no seu íntimo de que todo o pecado interior fora banido. Agora este homem está cheio do amor advindo do Senhor e vive em pleno gozo e louvores a Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho focalizamos o ministério de John Wesley, que começou em 1735 com um ajuntamento de três pessoas e prosperou enormemente em números, efetuando avanços importantes de cunho teológico.

Embora sua teologia seja elaborada na linha da Reforma, principalmente calvinista, e tenha sofrido várias influências, conforme foi visto na primeira seção deste estudo, ela deve ser considerada em seus próprios termos. Aprofundando os temas que o preocupavam, na segunda seção pode-se observar que mesmo sendo um teólogo e clérigo britânico e um Fellow em Oxford, John Wesley propôs um diálogo entre as posturas teológicas variadas que perpassaram sua vida. Contudo, seus debates sempre foram apoiados na veracidade das Escrituras Sagradas e na postura correta que um cristão deveria possuir.

A doutrina da salvação, a Ordem da Salvação (*Ordus Salutis*) de John Wesley, não se compreende como um reflexo fiel de qualquer tradição teológica, não importa o quão importante esta tradição seja ou tenha sido, mas como uma síntese bem elaborada e intencional dos diversos elementos que aparecem nas Escrituras, que são em última instância normativos, e que são, portanto, não surpreendentemente, refletidos em várias tradições diferentes.

Sua teologia é dotada de facilidade para compreensão. Ele dá ênfase nos seus ensinamentos sobre a necessidade de um cristão desenvolver a “Santidade” e colocou no centro de sua *Ordus Salutis* o mover pneumatológico de uma forma diferenciada, não se concentrando em dons espirituais, porém na evidência do amor na vida do cristão, como se expôs na terceira seção deste estudo.

Pregava "uma relação ininterrupta com Deus" e esta relação leva o homem a um processo de aperfeiçoamento tal de amor interior que se vislumbra em ações exteriores e de extrema santidade e o conduz ao ponto de não mais pecar, pois está abastecido de forma plena do amor de Deus.

Pregador enfático da Graça, concentra-se em mostrar que a humanidade era feita do Deus Criador e no seu *gênesis* foi feita à imagem de Deus. Após o pecado original, ou seja, a queda, houve a separação total de sua graça e essa imagem foi perdida. Com o sacrifício vicário esta criatura tem a oportunidade de adentrar novamente na Graça com o Deus que a criou.

O próprio Deus então através da pessoa de Jesus Cristo faz um convite ao homem para agora retornar a interagir com Ele como Pai e se tornar uma nova criatura. Wesley, em sua teologia e na formação de seu caminho da Salvação, fez a junção de dois importantes processos, a saber: a justificação e a santificação, que não atuam de forma independente. Wesley ensina que:

A justificação acarreta uma transformação relativa, mas a santificação acarreta a transformação real: “ A primeira transforma nosso relacionamento exterior com Deus, para que de inimigo nos tornemos filhos; a segunda transforma o âmago da nossa alma, para que de pecadores nos tornemos santos” A primeira tira a culpa do pecado, a segunda remove o poder do pecado. (COLLINS, 2013, p. 203)

Esses são os pontos principais e de suma importância para que John Wesley desse um passo a mais em relação à Teologia de Lutero e Calvino. A santificação para ele é o componente dominante na salvação. Estando ciente disso considerava sua doutrina de santificação como o princípio peculiar do Movimento Metodista. Santificação foi, assim, parte de uma verdadeira peregrinação, cujo objetivo consistia em alcançar a “Perfeição cristã”, que, por vezes, ele chamava de "amor perfeito".

De Lutero John Wesley trouxe a “Graça que justifica”, ou melhor, dizendo, a renovação do relacionamento com Deus que antes era impossível por causa da queda. Agora conquistada por Jesus ela é possível e eleva o homem a um novo patamar “de filho”. Esta justificação se dá através da misericórdia e do perdão. Deus aceita o homem pelo sacrifício vicário.

Incrementando sua mensagem, o preletor John Wesley ensina que se pode viver esta aceitação de Deus e que este atuar da “graça é perceptível”. Pelo Espírito

Santo de Deus as almas podem sentir o amor de Deus e sua afirmação para que participem desta comunhão com Ele. Em sua mensagem ele tenta somar as duas máximas que Jesus Cristo enfatizou no Novo Testamento em relação aos 10 mandamentos, dos quais sobressaíram dois. Em Lucas, o jovem pergunta ao mestre Jesus: O que devo fazer para herdar a vida eterna? E a resposta vem:

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com todas as forças e de toda a tua mente, e a teu próximo como a ti mesmo”. (Lucas 10: 25-28)

John Wesley começou seu trabalho de pregação dando prioridade para um grande numero de pessoas marginalizadas dentro da Inglaterra no século XVIII. Seus ensinamentos trouxeram a tônica que faltava a essas vidas, pois que as colocam no centro do amor de Deus, restituindo-lhes o significado, dando a elas o propósito de vida e infinito valor.

Mesmo neste esforço de colocar Deus no centro da vida, amá-lo, adorá-lo e ver o próximo como a si mesmo, amá-lo como ama a sua própria vida e tratá-lo como gostaria de ser tratado, mesmo assim entende que o ato de ser salvo é pura graça. O homem não pode efetuar por si tal intento. Deus dá a este homem a salvação por amor e misericórdia, por pura doação graciosa.

Esse também é um diferencial da teologia wesleyana, que traz de forma arrojada tal traçado. Deus convida o homem à fé, a crer N'Ele e através da justificação e santificação há um trabalhar de Deus pelo homem de forma externa e interna. Através deste trabalhar, este homem é renovado em sua existência e conjuntamente em conduta e atos morais. O amor de Deus inflama este novo homem até que ele alcance a estatura de Jesus Cristo.

Este Deus age de forma a convidar o homem, mas anteriormente a este convite o homem precisa de libertação para ouvi-lo e vê-lo. Para isso John Wesley explica com excelência em seus traçados teológicos a Graça Preveniente. O agir de Deus de forma a anteceder o agir do homem é o que fundamenta o processo de

salvação. Esta mesma graça age depois novamente na forma de “Graça Justificadora” e de “Graça Santificadora”.

Esta graça é experimentada num momento e convida o homem a vivê-la em toda a sua vida. Como? Na ação da Graça Justificadora está a certeza de que foi aceito por Deus, e que os pecados do homem estão justificados pela pessoa de Cristo. Após esta etapa vem a Graça Santificadora que convida e cria no homem a obra de fé, colocando-o no serviço amoroso ao próximo. A ação de Deus se faz através desta graça: trata-se de agir para formar e reformar a vida dos que dela se apropriam.

Como é facilmente entendido, John Wesley nunca se preocupou em ser um teólogo sistemático, ele estava mais interessado em ser um teólogo pastoral. Sua maneira de fazer sua reflexão teológica era diversa da do teólogo sistemático. A sua teologia é exercida no meio dos parâmetros da Teologia Moral, Popular e Pastoral daquela época, estabelecendo relações com a teoria e a prática.

Sua teologia articula a combinação entre o entender e o comunicar e integra a Antropologia, a Soteriologia, a Natureza do Criador “Deus” com a Filosofia, traçando parâmetros sobre conduta moral, educação, ética, etiqueta, ou seja, uma somatória de conhecimentos que, adicionados à Teologia, estabelece a forma de agir do cristão.

O caminho da Salvação para Wesley foi o ápice da realidade da relação de humanidade e do Deus Criador, através de seus esforços incessantes e lutas em todos os anos do trabalho pastoral. Seu trabalho oferece também uma contribuição no sentido de conexão dinâmica entre a reflexão teológica e a vida cristã no mundo e nas atividades de John Wesley prático-teológicas.

Wesley absorveu os costumes diários de sua tenra infância, bem milimetrados e metódicos, ensinados por seu pai e sua mãe. Estes ensinamentos refletiram na sua disciplina espiritual e na administração do movimento metodista. Suas leituras da “Imitação de Cristo” de Thomas Kempes e também do Pietista Jeremy Taylor trouxeram influências no seu comportamento. Por influência deles passou a economizar o tempo, mesmo estando em Oxford, e por toda a sua vida

passou a elaborar seu diário pessoal, como um registro e medida de seu progresso na vivência da Santidade, com anotações de impressões, alguns dilemas e diálogos que ficaram na história. A partir de Oxford acumulou notas importantes que somente o próprio Wesley poderia deixar a respeito de si, até bem próximo de sua morte. Esses registros trazem à contemporaneidade a contribuição para decifrar sua teologia e os caminhos que a envolveram. Dentre as publicações de literatura mística, John Wesley absteve-se de várias, mesmo ainda em 1738, pois relata em seu diário que elas foram o barco no qual quase naufragou a sua fé.

John Wesley rejeitou em Calvino a predestinação que ele pregava com a “Graça Irresistível”. Aceitou Lutero em sua teologia voltada para uma reforma da Igreja, mas dando um passo além, acrescentando nela o pietismo, vertente de Spener, por entender que a Igreja precisava de uma reforma no seu interior. Sem, no entanto nunca falar sobre separação da Igreja Anglicana. Observa-se nele o entendimento que ele tinha do Metodismo e dos metodistas como um povo de chamada especial para espalhar a santidade sobre toda a Igreja.

Em seu ministério o clérigo incrementou o ministério leigo, tomando assim moldes bem parecidos com os da Igreja Católica e, por ter em seus moldes mais definidos o Anglicanismo e o Arminianismo, foi muitas vezes acusado de católico. Os católicos eram na época bastante rechaçados pelos reformistas devido à herança deixada pelo reinado de Maria, a “Sanguinária”. Vê-se muito do Anglicanismo proveniente do Catolicismo principalmente em suas abordagens teológicas, pois toma para si a interpretação das Escrituras advindas da Via Média Elizabetana, porém acrescentando um item a mais, com o qual se formará o que os teólogos hoje denominam como “quadrilátero wesleyano”, no qual as Escrituras têm um valor central. Da linhagem pietista moraviana John Wesley absorveu a distribuição de classes, os “bands” e também abraçou a Doutrina da Segurança que lhe foi tão importante no ano de 1738, mas absteve-se do totalitarismo dos frutos, da forma como lhe fora requerida, e do quietismo pregado por eles. Seu ministério foi alicerçado no texto de Tiago que indica que nas obras o homem encontra aperfeiçoamento da sua fé, fazendo a diferenciação entre a fé de um filho e a fé de um servo, e ainda afirmando que existem nas Escrituras pesos diferentes sobre a fé. Concomitantemente afirma que existem graus de fé.

Salvação ou *Ordus Salutis* na concepção wesleyana

“não significa ir para o céu ou bem aventurança eterna, mas é a obra total de Deus no indivíduo, desde o primeiro despontar da graça na alma até sua consumação na glória.” ((HEITZENRATER, 2006, p.220).

Os ensinamentos de John Wesley se expandiram e obtiveram milhares de adeptos. Em 1766 os adeptos do metodismo na Europa somavam em torno de 20.000 mil pessoas, já em 1780 a quantidade de pessoas que sorviam de seus ensinamentos passa para mais de 40.000 mil, e no ano de sua morte em 1791 havia mais de 80.000 mil adeptos. Na América o metodismo inicia um trabalho em 1772 com nenhum membro e quando John Wesley termina a sua trajetória vital contava com mais de 70.000 mil membros.

A atualidade nos mostra que as palavras deste teólogo, embora com muitos questionamentos, que não foram objeto desta pesquisa, propagaram-se com vigor pelos séculos, chegando à nossa realidade com voz forte, mostrando sua vitalidade para dialogar com o mundo de hoje. Num outro momento pretendemos dar continuidade a esta pesquisa, para aprofundar o grande debate que hoje se instaura nas produções teológicas sobre o movimento do atual metodismo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida, 2003.

BURTNER, R.W. ; CHILES, R.E. (Compiladores). **Coletânea da Teologia de João Wesley**. 2. ed. Rio de Janeiro: IGREJA METODISTA, Colégio Episcopal, 1995.

CAMPBELL, Ted A. **O Essencial da Doutrina Metodista**. 2 ed. Tradução de Carlos Henrique Gonçalves. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

COLLINS, Kenneth J. **Teologia de John Wesley**. Tradução de Lena Aranha. 3 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

COX, Leo G. **El concepto de Wesley sobre la perfección cristiana**. Kansas City, Missouri: Casa Nazarena de Publicaciones, 1999.

HEITZENRATER, Richard P (2006) **Wesley e o Povo chamado Metodista**. São Bernardo do Campo, SP: Editeo/Bennett, 2006.

JENNINGS JR. Theodore. **Wesley e o Mundo Atual**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007.

KLAIBER, W.; MARQUARDT. M. **Viver a Graça de Deus: um compêndio da Teologia Metodista**. 2. ed. São Bernardo do Campo, SP: Editeo/Cedro, 2006.

LELIÈVRE, Mateo .**João Wesley - sua vida e obra**, São Paulo, SP: Editora Vida, 1997.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; RENDERES, Helmut; SOUZA, José Carlos de; JOSGRIBERG, Rui de Souza. **Teologia e Prática na tradição wesleyana: uma leitura a partir da América Latina e Caribe**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; DICKERSON, Dennins; RENDERES, Helmut; SOUZA, José Carlos de; MATTOS, Paulo Ayres; JOSGRIBERG, Rui de Souza.

Passos para uma teologia wesleyana brasileira. São Bernardo do Campo: Editeo, 2007.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; RENDERES, Helmut; SOUZA, José Carlos de; MATTOS, Paulo Ayres; JOSGRIBIERG, Rui de Souza. **Prática e Teologia na tradição wesleyana – John Wesley 300 anos** (2008). São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.

SNYDER, Howard A, MELLO; José Ildo Swartele de; WAKAI, Nelson Tsucassa; JOSGRILBERG, Rui de Souza; RENDERS Helmut – **Wesley a Bíblia e o Povo.** São Bernardo do Campo; Editeo, 2012

WESLEY, John. **O Diário de John Wesley – O Pai do Metodismo.** São Paulo: Arte Editorial, 2009.

WESLEY, John. **The Bicentennial edition of the works of John Wesley.** BAKER, Frank (editor-in-chief). Edited by OUTLER, Albert C. Nashville, TN: Abingdon Press, 1986, p. 199-209.

ANEXO

Sermão 85

Operando Nossa Própria Salvação

John Wesley

“De sorte que, meus amados assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim, também, operai a vossa salvação com temor e tremor, porque Deus é o que opera em vós, tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”.

1-Algumas grandes verdades, como a existência e atributos de Deus, e a diferença entre boa moral e a má, foram conhecidas, em alguma medida, pelo mundo pagão. Os traços delas são encontrados em todas as nações; de modo que, de alguma maneira, pode-se dizer que para todos os filhos do homem, “Ele tem mostrado a ti, ó homem, o que é bom; sempre ser justo, amar a misericórdia, e caminhar humildemente com teu Deus”. Com essa verdade ele tem, em alguma medida, “esclarecido cada um que vem ao mundo”. E, dessa forma, eles, que “não tem lei”, que não têm lei escrita, “são a lei neles mesmos”. Eles mostram “a obra da lei” – a substância dela embora não a carta – “escrita em seus corações”, pelas mesmas mãos que escreveram os mandamentos nas tábuas de pedra; “A consciência deles também dão testemunho”, se eles agem de acordo com isso ou não.

3-Certo é, que essas verdades nunca foram conhecidas para o vulgar, a massa da humanidade, para a generalidade de homens, em qualquer nação, até que elas foram trazidas à luz pelo Evangelho. Por conseguinte, a faísca de conhecimento, luzindo aqui e ali, toda a terra foi coberta com escuridão, até que o Sol da Retidão surgiu e dispersou as sombras da noite. Desde essa alvorada, do alto tem aparecido, uma grande luz tem brilhado naqueles que, até então, sentaram-se na escuridão e nas sombras da morte. E milhares deles, em todas as épocas, têm sabido “que Deus amou de tal maneira o mundo, que deu seu único Filho, para que todo aquele que crecesse, não percesse, mas tivesse a vida eterna”. E estando incumbidos com os oráculos de Deus, eles têm sabido que Deus tem também dado a nós seu Espírito Santo, que opera em nós a sua vontade e a fazer o que é do seu bom prazer”.

4-Quão notáveis são aquelas palavras do Apóstolo que precedem essas! “Deixe essa mente ser em você, a qual foi também em Cristo Jesus: Quem, estando na forma de Deus”, --a natureza incomunicável de Deus da eternidade --“não permitiu ato algum de roubo”, mas o seu direito próprio e inquestionável, --“de ser igual com Deus”. A palavra implica tanto a abundância e a altura suprema da Divindade; para o qual são supostas as duas palavras, ele se esvaziou e se submeteu. Ele ‘se esvaziou’ daquela abundância divina, disfarçando sua abundância aos olhos de homens e anjos; “tomando”, e por esse mesmo ato, esvaziando-se, “a forma de um servo; sendo feito na semelhança do homem”, um homem real, como qualquer outro homem. “E sendo encontrado no feitio como um homem”, -- um homem comum, sem qualquer beleza peculiar ou excelência, --“ele humilhou-se”, para um grau ainda maior, “tornando-se obediente” para Deus, embora igual a ele, “mesmo na morte, sim, a morte de cruz”. O exemplo maior de humilhação e obediência (Filipenses 2: 5-11). Tendo proposto o exemplo de Cristo, o Apóstolo exorta-os a afiançar a salvação que Cristo adquiriu para eles: “Portanto, opere a sua própria salvação com medo e tremor. Porque é Deus quem trabalha em você a vontade e o fazer, para o bom prazer Dele”. Nessas palavras compreensíveis podemos observar:

I-Essa verdade principal, que deve nunca estar fora de nossa lembrança, “É Deus que opera em nós, para a Sua vontade e próprio prazer”.

II-A melhoria que nós devemos fazer disso: “Operar a nossa própria salvação com temor e tremor”.

III-A ligação entre elas: “É Deus que opera em você”, entretanto, “opere a sua própria salvação”.

I-(1) Primeiro Ponto: Nós vamos observar a grande e importante verdade que nunca deverá estar fora de nossa lembrança: “É Deus que opera em nós para a sua vontade e seu bom prazer”. O significado dessas palavras pode ser mais claro, através de uma transposição pequena delas: “É Deus que, para seu bom prazer, opera em nós para querer e fazer”. Essa posição das palavras, unida à frase, do seu bom prazer, com a palavra opera, remove toda imaginação do mérito do homem, e dá a Deus toda a glória da própria obra. Do contrário, nós teríamos tido algumas razões para nos vangloriarmos, como se fosse nosso próprio deserto, algumas santidades em nós, ou algumas boas obras feitas por nós, que, primeiro, moveram

Deus a operar. Mas, essa expressão cortou fora todos os conceitos vãos, e claramente, mostrou que seu motivo para operar situa-se totalmente, em si mesmo, em sua própria graça, na misericórdia imerecida do homem.

(2)-É através disso tão somente que ele está impelido a operar no homem o querer e o fazer. A expressão é capaz de duas interpretações; ambas são verdades inquestionáveis. Primeiro, querer que pode incluir a totalidade do que é inerente; fazer a totalidade do que é extrínseco à religião. E se for assim entendido, ela implica que é Deus que opera tanto a santidade inerente quanto a extrínseca. Segundo, querer, que pode implicar todo desejo bom; fazer, o que quer que resulte dali em diante. E, então, a sentença significa que Deus sopra em nós todo desejo bom, e conduz todo desejo bom para o resultado bom.

(3)-As palavras originais “thelein” e “energein” parecem favorecer a última construção: “thelein”, que nós podemos verter para querer, claramente, incluindo todo desejo bom, se relacionado a nosso temperamento, palavras e ações; para a santidade interior e exterior. E “energein”, que nós podemos verter para fazer, manifestadamente, implicando todo o poder do alto, toda aquela força, que opera em nós toda a disposição certa, e, então, nos garante para toda a boa palavra e obra.

(4)-Nada pode, então, diretamente, tender para o orgulho escondido do homem, como a convicção profunda e duradoura disso. Porque, se nós estamos completamente sensibilizados de que não temos nada do que não tenhamos recebido, como podemos nos gloriar, como se nós não tivéssemos recebido isso? Se nós sabemos e sentimos que o mesmo primeiro mover do bem é do alto, tanto quanto o poder, o qual o conduz para essa finalidade; se, é Deus que, não apenas, introduz todo desejo bom, mas que o acompanha e segue, senão, ele desaparece, então, isso, evidentemente, significa que “ele que se gloria” deve dar “glórias no Senhor”.

II.(1) Prossigamos agora, para o Segundo ponto: Se Deus opera em vocês, então, operem sua própria salvação. A palavra original vertida, operar, implica em fazer a coisa totalmente. Para sua própria salvação. A palavra original vertida, operar, implica em fazer a coisa totalmente. Para sua própria, porque vocês mesmos devem fazer isso, ou deixará de ser feito para sempre. Sua própria salvação: Salvação começa com o que é usualmente denominada (e muito propriamente) graça

preventiva, incluindo o primeiro desejo de agradar a Deus, o primeiro alvorecer da luz concernente à sua vontade, e a primeira convicção passageira leve de ter pecado contra ele. Todos esses implicam alguma tendência com respeito à vida; alguns graus de salvação; o começo da libertação do coração cego e insensível, totalmente insensível de Deus e das coisas de Deus. Salvação é conduzida por graça convincente, usualmente, denominada, nas Escrituras, de arrependimento, o qual traz uma larga medida de autoconhecimento, a mais completa libertação do coração de pedra. Depois disso, nós experimentamos a salvação cristã adequada; por meio da qual “através da graça”, nós “somos salvos pela fé” consistindo essas duas ramificações, justificação e santificação. Por justificação, nós somos salvos da culpa do pecado, e restaurados para a imagem de Deus. Todas as experiências, tanto quanto as Escrituras mostram essa salvação ser tanto instantânea, quanto gradual. Ela começa no momento em que nós somos justificados; no santo, humilde, gentil e paciente amor de Deus pelo homem. Ela, gradualmente, cresce daquele momento, como “um grão de mostarda, o qual, a princípio, é a menor das sementes”, mas, depois, desenvolve ramos largos, e se torna uma árvore enorme; até que, em outro momento, o coração seja limpo de todo o pecado, e cheio com o puro amor de Deus pelo homem. Mas, mesmo aquele amor aumenta mais e mais, até que nós “fiquemos adultos em todas as coisas nele que é nosso Mestre”; até que possamos alcançar “a medida da estatura da abundância de Cristo”.

(2) Mas, como nós podemos operar essa salvação? O Apóstolo responde: “Com temor e tremor”. Existe uma outra passagem de Paulo, onde a mesma expressão ocorre, e que pode dar uma luz a isso: “Servos, vocês obedçam a seus mestres de acordo com a carne!, -- de acordo com o presente estado das coisas; embora ciente de que , em um curto espaço de tempo, o servo irá se libertar do amo, --“com temor e tremor”. Essa é uma expressão proverbial, a qual não pode ser entendida literalmente. Para que o mestre poderia suportar, muito menos, requerer, seu servo temendo e estremecendo diante dele? E as palavras seguintes excluem, completamente , esse significado: “na simplicidade do coração”, com o olhar único para a vontade e providência de Deus; “não apenas para mostrar ao patrão, como bajuladores; mas como servos de Cristo, fazendo a vontade de Deus de todo o coração”; fazendo o que quer que eles façam, como a vontade de Deus, e, entretanto, com toda as suas forças. (Efésios 6:5) É fácil ver que essas expressões

fortes do Apóstolo claramente implicam duas coisas a seguir. Primeiro: todas as coisas sendo feitas, com a mais extrema sinceridade do espírito, e com todo cuidado e precaução: (talvez, mais diretamente se referindo para as palavras precedentes, “meta phobou”, com temor); segundo: que sejam feitas com a mais extrema diligência, rapidez, pontualidade, e exatidão; não, provavelmente, referindo-se à palavra posterior, “meta tromou”, com tremor.

(3)-Quão facilmente nós podemos transferir isso para as ocupações da vida: operar nossa própria salvação! Com o mesmo temperamento, e da mesma maneira que os servos cristãos servem seus amos, que estão sobre a terra, deixe outros cristãos trabalharem para servir o Mestre deles que está nos céus: ou seja, Primeiro, com a mais extrema sinceridade de espírito, com todo o cuidado e precaução possíveis; e, Segundo, com a mais extrema diligência, rapidez, pontualidade e exatidão.

(4)-Mas quais são os passos, os quais as Escrituras nos direcionam a tomar, para operar nossa própria salvação? O profeta Isaías nos dá uma resposta geral, tocando os primeiros passos, os quais devemos seguir: “Cessem de fazer o mal; aprendam a fazer o bem”. Se, alguma vez, vocês, desejaram que Deus pudesse operar, em vocês, aquela fé, por meio da qual vem a salvação presente e eterna, pela graça já recebida, fujam de todo o pecado, como da face da serpente; cuidadosamente, evitando toda palavra má; sim, abstendo-se de toda a aparência do mal. E “aprendam a fazer o bem”. Sejam zelosos das boas obras, das obras de devoção, tanto quanto das obras de misericórdia, orações familiares, e clamando a Deus, em segredo. Jejuem, em segredo, e “seu Pai, que tudo vê, em segredo, irá recompensá-los, abertamente”. “Sigam as Escrituras”. Ouçam-nas, em público, leiam-nas, em privado, e meditem nelas. Em toda a oportunidade, sejam parceiros da Ceia do Senhor. “Façam isso, em lembrança dele”; e ele irá encontrar vocês, na própria mesa Dele. Deixem sua conversa ser com os filhos de Deus, e vejam que ela “esteja em graça, temperada com sal”. Quando vocês tiverem tempo, façam o bem, a todos os homens, para as almas e corpos deles. E nisso, “sejam vocês firmes, inabaláveis, sempre abundando nas obras do Senhor”. Então, resta, apenas que vocês neguem a si mesmos, e peguem a cruz de vocês diariamente. Neguem, a si mesmos, todo prazer, que não prepara vocês para terem prazer em Deus, e de boa vontade, abracem todos os meios de chegar perto de Deus, embora ela seja uma cruz, embora seja aflição para a carne e para o sangue. Assim, quando vocês tiverem

redenção, no sangue de Cristo, vocês “seguirão para a perfeição”, até “caminharem na luz, como ele está na luz”, vocês são capazes de testificar que “ele é fiel e justo”, não apenas por “perdoar” seus “pecados”, mas para “limpá-los” de toda a iniquidade. (I João 1:9) “Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão, até agora está em trevas”.

III-(1) “Mas”, dizem alguns, “que ligação há entre cláusula precedente e a posterior da sentença? Não existe propriamente uma clara oposição entre uma e outra? Se, é Deus quem opera em nós o querer e o fazer, que necessidade existe da nossa operação? O trabalho Dele, dessa forma não suplanta a necessidade de nossa operação, afinal? Além do que, isso não torna nossa operação impraticável, assim como, desnecessária? Porque, se nós admitirmos que Deus faz tudo, o que é deixado para nós fazermos?”

(2)-Tal o raciocínio da carne e sangue. E, ao primeiro ouvido, ele é excessivamente plausível. Mas não é sólido; como irá, evidentemente, aparecer, se nós considerarmos a matéria mais profundamente. Nós devemos, então, ver que não existe oposição entre elas, “Deus operar; entretanto, nós operamos”, mas, ao contrário, a mais íntima ligação; e esta, em dois aspectos: Porque, Primeiro: Deus opera; embora você possa operar. Segundo: Deus opera, entretanto, você deve operar.

(3) Primeiro: Deus opera em você; entretanto, você pode operar. Caso contrário, seria impossível. Se ele não fizesse o trabalho, seria impossível a você realizar a sua própria salvação. “Com o homem isso é impossível” diz nosso Senhor, “para o homem brilhante entrar no reino dos céus”. Sim, é impossível para qualquer homem; para qualquer que tenha nascido de mulher, a menos, que Deus opere nele. Vendo que todos os homens são por natureza, não apenas doentes, mas “implacáveis em transgredir e pecar”, não é possível para eles fazer alguma coisa boa, até que Deus os levante de entre os mortos. Foi impossível para Lázaro continuar em frente, até que o Senhor tivesse dado a ele vida. E é igualmente impossível para nós vir para fora de nossos pecados; sim, ou fazer o menor movimento, em direção a eles, até que Ele que tem todo o poder nos céus e terra, chame nossas almas mortas para a vida.

(4) Ainda assim, isso não é desculpa para aqueles que continuam no pecado, e colocam a culpa em seu Mestre, dizendo: “É Deus apenas que deve estimular-nos; já que não podemos estimular nossas próprias almas!. Porque, concebendo que as almas dos homens estejam, por natureza, mortas no pecado, isso não desculpa nada; vendo que não existe homem algum, que esteja num estado meramente natural; não há homem algum, a menos, que ele tenha extinguido o Espírito, que seja completamente, isento da graça de Deus. Nenhum homem vivente está inteiramente destituído do que é vulgarmente chamado de consciência natural. Mas isso não é natural. É mais corretamente designada de graça preventiva. Todos os homens têm uma medida, maior ou menor, disso, que não espera pelo chamado do homem. Cada um tem, cedo ou tarde, desejos bons; embora a generalidade dos homens a reprimam, antes que ela possa golpear a raiz profunda, ou produzir algum fruto considerável. Todos têm alguma medida daquela luz, alguns raios brilhando fracamente, e que, cedo ou tarde, mais ou menos, ilumina todos os homens que vêm para o mundo. E cada um, a menos que ele seja de um número menor, cuja consciência seja marcada com que com ferro quente, sente-se mais ou menos desconfortável, quando ele age contrário à luz de sua própria consciência. De modo que nenhum homem peca, porque ele não tem a graça, mas porque ele não faz uso da graça que tem!

(5)-Entretanto, visto que, como Deus opera em você, você está agora capacitado para operar a sua própria salvação. Já que ele opera em você, da própria boa vontade dele, sem qualquer mérito seu, o querer e o saber, é possível a você estar cheio de toda a retidão. É possível a você “amar a Deus, porque ele tem primeiro amado a nós”, e “caminhar em amor”, seguindo o padrão de nosso grande Mestre. Nós sabemos que, de fato, a palavra Dele é absolutamente verdadeira: “Sem que você ou eu façamos coisa alguma”. Mas, por outro lado, nós sabemos, que todo crente pode dizer: “Eu posso fazer todas as coisas através de Cristo que me fortalece”.

(6)-Nesse meio tempo, deixe-nos lembrar que Deus tem reunido esses, na experiência de todo crente, e, entretanto, nós devemos tomar o cuidado, para não imaginar que eles possam sempre ser postos à parte. Nós temos é que nos precavermos da humildade falsa, que nos ensina a dizer como desculpa para a nossa desobediência grosseira: “Ó, eu não posso nada!”, e parar aqui, sem alguma

vez, nomear a graça de Deus. Ore, pense duas vezes. Considere o que você diz. Eu espero que você esteja tratando injustamente a si mesmo, porque, se fosse realmente verdade que você não pode fazer coisa alguma, então, você não tem fé. E, se você não tem fé, você está numa condição miserável. Você não está na condição de salvação. Certamente, não é assim. Você pode fazer alguma coisa, através de Cristo que o fortalece. Incite a faísca da graça, que está agora em você, e ele irá lhe dar ainda mais graça.

(7)-Segundo, Deus opera em você, entretanto, você deve operar em si mesmo. Você deve ser “um trabalhador junto com ele”, (essas são as mesmas palavras do Apóstolo), do contrário, ele irá parar de operar. A regra geral, na qual os desígnios graciosos dele procedem é essa: “Até a ele que tem sido dada; mas dele que não tem’, --que não melhora a graça que já foi dada, --“deverá ser levada embora o que seguramente tem”. (então, as palavras devem ser expressas). Mesmo Agostinho, que é geralmente suposto favorecer a doutrina contrária, faz essa única observação: “Ele que nos fez, sem nós mesmos, não irá nos salvar, sem nós mesmos”. Ele não irá nos salvar, a menos que “salvemos a nós mesmos da geração adversa’, a menos que nós mesmos “lutemos a boa luta da fé, e alcancemos a vida eterna”; a menos que “agonizemos para entrar no portão estreito”, “neguemos a nós mesmos, e tomemos nossa cruz diariamente’, e trabalhemos, por todos os meios possíveis, para “fazer nosso próprio chamado e eleição seguramente”.

(8)-“Trabalhem”, então irmãos, “não para a carne que perece, mas para aquilo que dura para a vida eterna”; Diga com nosso abençoado Senhor, embora em um sentido diferente: “Meu Pai opera até aqui, e eu trabalho”. Em consideração, a que ele ainda opere em você, nunca seja “fraco na beneficência”. Vá em frente, na virtude da graça de Deus, que está prevenindo, acompanhando, e seguindo você, no “trabalho da fé, na paciência da esperança, e no trabalho do amor”. “Seja você firme e inalterável, sempre abundando nas obras do Senhor”. E “o Deus da paz, que traz novamente dos mortos, o grande Pastor das ovelhas”, (Jesus), “fará você perfeito em toda boa obra para fazer a vontade dele, operando em você o que é agradável aos seus olhos, através de Jesus Cristo, para quem seja a glória para sempre e sempre!”.

Editado por Jennifer Luhn, com correções por Ryan Danker e George Lyons, para o Wesley Center for Applied Theology at Northwest Nazarene University.

Copyright 1999 by the Wesley Center for Applied Theology.